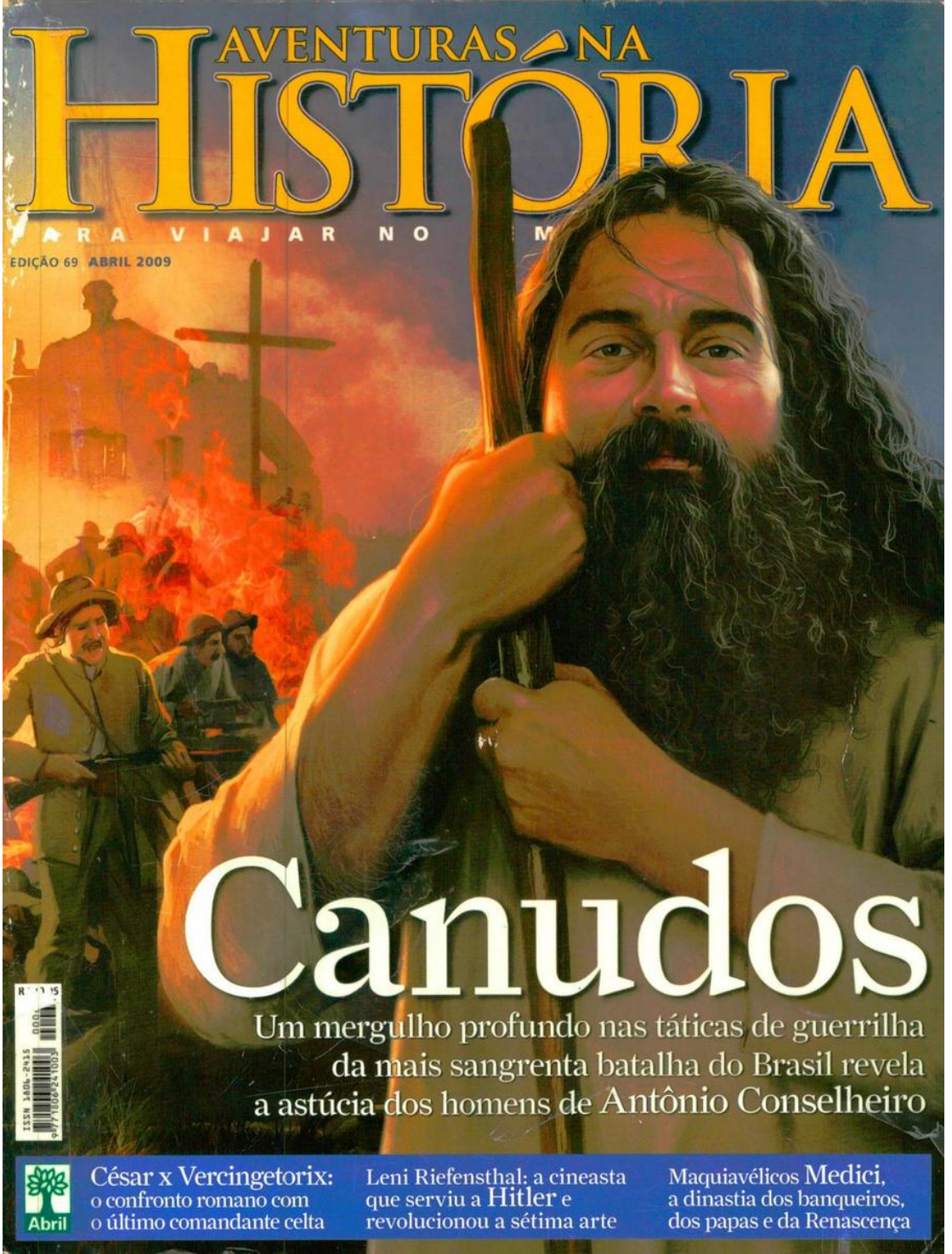


AVENTURAS NA HISTÓRIA

PARA VIAJAR NO TEMPO

EDIÇÃO 69 ABRIL 2009



Canudos

Um mergulho profundo nas táticas de guerrilha da mais sangrenta batalha do Brasil revela a astúcia dos homens de Antônio Conselheiro



César x Vercingetorix:
o confronto romano com
o último comandante celta

Leni Riefensthal: a cineasta
que serviu a Hitler e
revolucionou a sétima arte

Maquiavélicos Medici,
a dinastia dos banqueiros,
dos papas e da Renascença

Você já pensou em
viver num Império,
numa ilha paradisíaca
a leste de Madagascar?



www.reuniao.org

IMAGINE QUE VOCÊ É UM CONDE,
MINISTRO, CONSELHEIRO OU
EMBAIXADOR, TOMANDO DECISÕES
IMPORTANTES PARA O SEU PAÍS
E SE RELACIONANDO
COM OUTRAS NAÇÕES.
CADA OPINIÃO SUA É DA MAIOR
IMPORTÂNCIA PARA A VIDA DIÁRIA DE
TODOS: VOCÊ É UMA PESSOA PÚBLICA.

**ESSE É O SACRO
IMPÉRIO DE REUNIÃO:
SEJA TUDO O QUE
VOCÊ QUER SER!**

NO MUNDO DAS MICRONAÇÕES E
MICROPAÍSES, VOCÊ TEM TUDO QUE
É POSSÍVEL IMAGINAR: GOVERNO,
JORNAIS, PARTIDOS POLÍTICOS, EMPRESAS,
HERÁLDICA, CIDADES E MUITO MAIS!
MAIS DO QUE UM JOGO, UMA COMUNIDADE
VIRTUAL, ONDE O CIDADÃO COMUM TEM
VOZ E SUA OPINIÃO É RESPEITADA POR
TODOS: AQUI, VOCÊ É QUEM MANDA.



www.reuniao.org
Um país real na Internet.

VISITE O SITE!

TORNE-SE UM CIDADÃO DE REUNIÃO! É GRÁTIS!

Apoia:



Sergio Castro
IMAGENS

A EMPRESA QUE RESOLVE.

EDITORA **Abri!l**
Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Editor: Roberto Civita

Presidente Executivo: Jairo Mendes Leal

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente),
Thomas Souto Corrêa (Vice-Presidente), Giancarlo Civita,
Jairo Mendes Leal, José Roberto Guzzo

Diretor de Assinaturas: Fernando Costa

Diretora de Mídia Digital: Fabiana Zanni

Diretor de Planejamento e Controle: Auro Luís de Lasi

Diretora Geral de Publicidade: Thaís Chede Soares

Diretor Geral de Publicidade Adjunto: Rogério Gabriel Compendio

Diretor de RH e Administração: Dimas Miletto

Diretor de Serviços Editoriais: Alfredo Ogawa

Diretora Superintendente: Helena Bagnoli

Diretora de Núcleo: Brenda Fucata

HISTÓRIA

Redatora-chefe: Patrícia Hargreaves

Editores de Arte: Dêbara Bianchi

Editores de Texto: Tiago Cordeiro e Veronica Couto

Designers: Fábio Oshio e Michele Kanashiro Coordenadora Editorial: Guêdêa Gala

Assistente de Editor: Adriana Mengelberg Estagiário: William Kimura

CT: Alham Zaid (supervisor), Erika Nakamura, Ediane Silva, Janer Macedo, Leonardo

Martins, Zea Pinça, Leo Ferreira, Rodrigo Lemes, Regina Sano e Vanessa Duberto

INTERNET NÚCLEO JÓVEM Editor: Rafael Kenzi Editor-assistente: Frederico Di Giacomo,

Designers: Fabiana Zanni e Carlos Webmaster: David Sampaio Estagiário: Gláucia Figueira

Colaboram nesta edição: José Vicente Bernardo (revista) e Jula Prádis (edição de texto)

www.aventurasnahistoria.com.br

SERVIÇOS EDITORIAIS Apoio Editorial: Carlos Grassetti (Arte, Lata, Lira (Ilustração))

Apoio Técnico e Difusão: Bia Mendes Dede e Abri! Press: Grace de Souza

Treinamento Editorial: Edward Pimenta

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Marcos Pereira Gomes, Mariane Cruz, Robson

Neto, Sâneas Sampaio Gerentes de Negociação: Alexandre D'Amaro, Ana Paula Moreno,

Chaela Caldeira, Gláucia Gouveia, Cristiane Bastos, Eliana de Menezes, Marcelle Almeida,

Heraldo Exana Neto, Marcus Vinicius, Nilo Bastos, Pedro Bonaldi, Regina Marjano, Tati

Mendes, Virginia Any, Willian Hargreaves PUBLICIDADE REGIONAL Diretor: Jacques B. Ricardo

PUBLICIDADE NORDE JANEIRO Diretor: Paulo Renato Sâneas e Sâneas Sampaio de D. Rêdson

Gerente: Cláudio Rêdson Executivos de Negociação: Beatriz Ottoni, Caroline Pinheiro, Henri

Marques, José Rocha PUBLICIDADE NÚCLEO JOVEM Gerente: Fernando Sabellini, Executivos

de negociação: Alice Ventura, Analisa Bertha, Camila Fomente, Cinthia Curty, João Eduardo Dias,

Laila Fernandes Lopes, Marjane Assiscentes: Liliana Moura, Mônica Barbosa, MARKETING

E CIRCULAÇÃO Gerente de Marketing: Luciane Falcão Gerentes de Publicações: Renato

Cagiao (Marketing Publicitário), Edson Botura Analistas: Flávia Martins, Mariana Moraes

Estagiário: Allisson Patrícia Gerente de Eventos: Camila Medeiros Analistas: Cibele

Batista, Luciana Boleiro, Sônia Pinheiro, Julliana Lourenço Gerente de Circulação

Avulsa: Magali Superi Gerente de Circulação Analistas: Sérgio Ricci P. A. ANDAMAMENTO,

CONTROLE E OPERAÇÕES Gerente: André Vasconcelos Consultor: Sandra Lahum Wilner

Processos: Fabiano Valim ASSINATURAS Operações de Atendimento ao Consumidor:

Márcia Galdino W. Diretores: Claudio Ribeiro Consultora: Katia Batista

Em São Paulo: Redação e Correspondência: das Nações Unidas, 7221, 14º

andar, Pinheiros, São Paulo SP CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000 Publicidade São

Paulo www.publiabril.com.br Classificados 0800-770-2066, Grande São Paulo tel. (11)

3037-2000 ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL:

Central-SP tel. (11) 3037-6564, Bauru Grupos Mídia Representações Comerciais, tel. (47)

3329-3820, Brasília Escriório tel. (61) 3315-7554, Representante Carvillan Marketing

Cadê, tel. (61) 3426-7432, Campinas C2 Press Co. e Representações, tel. (09) 3251-

3224, Florianópolis Interação Publicidade Ltda., tel. (48) 3232-1017, Fortaleza

Mídia Interativa Regus, e Negos, tel. (85) 3264-3039, Goiânia Mídia West Representações

Lda., tel. (62) 3215-5155, Manaus Papir Comunicações, tel. (92) 3656-7588, Maringá

Altitude de Comunicação e Representação, tel. (41) 3023-6869, Porto Alegre Escriório

tel. (51) 3327-2870, Representante Prol Veículos de Comunicação Ltda., tel. (51) 3328-

1344, Recife Multirevistas Publicidade Ltda., tel. (81) 3327-1597, Ribeirão Preto

Grande Mídia Representações Comerciais, tel. (16) 3911-3025, Rio de Janeiro tel. (21)

2546-8882, Salvador AGM Consultoria Public e Representação, tel. (71) 3311-4999,

Vitória Zambini Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRI!: Almanaque Abri!, Ana Maria, Arquitetura e Construção,

Atividades, Aventuras na História, Boa Forma, Boas Plúas, Brasil, Capicão, Casa Clássica,

Chafin, Contigo!, Disney, Elite, Estão, Exame, Exame PME, Foto S.A., Glor, Guia do Estudante,

Guia Quatro Rodas, Lida Corpora, Lida Lovetres, Managem, Managem Nova, Men's Health,

Mundo Novo, Mundo Verde, Mundo Verde, Mundo Verde, Mundo Verde, Mundo Verde, Mundo Verde,

Recursos, Revista A, Revista da Semana, Runner's World, Saúde!, Sou Mais! Fol, Superinteressante,

Tôni, Veja, Veja, Veja, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, Vida Simples, Vip,

Viva! Mais, Voci S.A., Women's Health Fundação Victor Civita: Nova Escola

Aventuras na História ISSN 18062415, abril de 2009, é uma publicação mensal da Editora

Abri!l. A Editora não se responsabiliza por danos materiais ou morais decorrentes do uso

desta revista. Distribuída em todo o país pela Dimp S.A. Distribuidora Nacional de

Publicações, São Paulo. Aventuras na História não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112

Demais localidades: 0800-775-2112 www.abril.com.br

Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121

Demais localidades: 0800-775-2828 www.assinabril.com.br

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRI!l S.A.

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ô, CEP: 02069-900, São Paulo SP



FIPP

Ministério da Cultura



Presidente do Conselho de Administração: Roberto Civita
Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Vice-Presidentes: Arnaldo Tibiçá, Douglas Duran,
Marcio Ogilvy, Síndee Basile
www.abril.com.br

Espelho, espelho seu...

Caro leitor,

Existe uma curiosidade meio que coletiva em torno de HISTÓRIA. Ela se manifesta em e-mails para a redação, em nossa comunidade no Orkut, em encontros com outros leitores e até mesmo com gente que quer colaborar com o título. "Como vocês escolhem o que vai ser publicado?" Uma das tarefas mais complicadas ao editar uma revista é a montagem do espelho.

No espelho as reportagens são colocadas lado a lado, algo como a partitura musical, onde a edição é composta. Ali, definimos o que terá cada seção, quais serão as grandes reportagens e onde estarão localizados os anúncios. Até aí é o básico: toda e qualquer revista no planeta funciona assim.

Aqui em HISTÓRIA essa equação tem um número maior de variáveis. São basicamente três: período histórico, recorte e ilustração. Cada edição precisa de matérias de épocas diferentes, enfoques diferentes (Personagem, Anais da História, Galeria, Dinastias, Grandes Momentos, Civilizações, Terra Brasilis, Economia, Entrevista, Obra-prima, Vida Privada). E ainda estilos de ilustração diferentes: desenho, fotografia, imagem clássica, charge etc. O resultado tem que ser = equilíbrio.

Mas, falando assim, parece até que jornalismo é ciência exata. Não é. Bem pelo contrário. Trabalhamos o tempo todo com imprevistos: as notícias do dia-a-dia. Mortes, nascimentos, eleições etc. O espelho (desculpe o trocadilho) deve refletir o que ocorre no mundo. Cada assunto que abordamos deve fazer parte do seu universo, do seu interesse. Na verdade, o dono do espelho é você. A gente só dá uma forcinha.

Divirta-se,

HISTÓRIA • EDIÇÃO 69 • ABRIL 2009 • V6

PRONTUÁRIO DE GRÁFICA DA ABRI!



Um espelho pode ganhar diversas versões, até ficar harmônico. Acima, o deste número

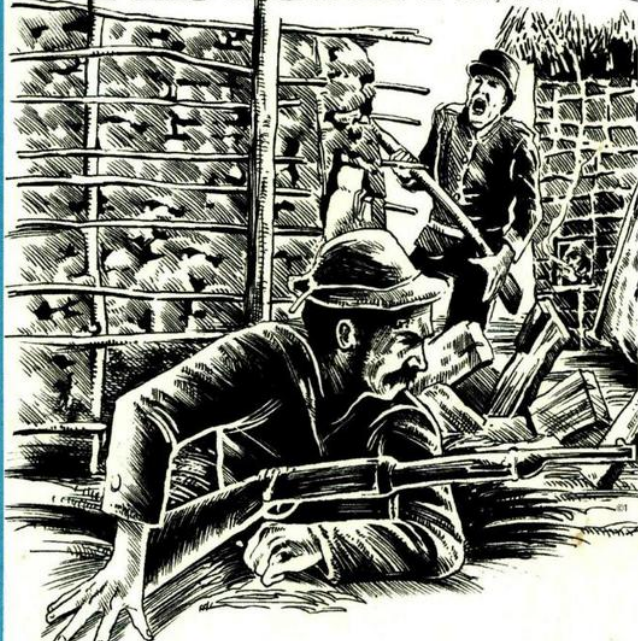


Patricia Hargreaves

phargreaves@abril.com.br

AVENTURAS NA HISTÓRIA

EDIÇÃO 69



MATÉRIAS

30 O sertão em pé de guerra

Canudos através das artimanhas dos sertanejos: jagunços usaram técnicas de guerrilha e camuflagem que deixaram desmoriados os soldados da república

38 A arte de vender

Dos primeiros logotipos aos slogans que todo mundo conhece, campanhas publicitárias lendárias firmaram marcas e inventaram necessidades

44 O último verão gaulês

História em quadrinhos narra a batalha entre César e os celtas. A *pax romana* encontra uma pedra no caminho: gauleses orgulhosos que se recusam a ser dominados

50 A cineasta de Hitler

Leni Riefensthal foi peça-chave na propaganda nazista. Suas lentes registraram a Olimpíada de 1936, com técnicas utilizadas até hoje no cinema e na televisão

54 A grande família

A dinastia Medici dominou Florença durante três séculos. Interferiu na política, na religião e nas artes. Seu mecenato foi fundamental para o esplendor do Renascimento

SEÇÕES

cartas dos leitores

6

atualidades

- 8 A saga dos militares brasileiros derrotados pelo general Franco
- 10 A lei de Murphy faz 60 anos
- 11 17 presidentes africanos são assassinados em cinco décadas
- 12 Polêmica sobre asilo político não é novidade no Brasil
- 16 Quadro encontrado no sul da Itália pode ser auto-retrato de Da Vinci

brasileiras

- 18 O Brasil em meio à disputa global pelo controle de especiarias

história ilustrada

- 20 Mausoléu de imperador chinês foi soterrado propositalmente

almanaque

- 22 **Abril na História:** Martin Luther King foi assassinado
- 24 **Linha do Tempo:** Barbie faz 50 anos
- 26 **Culinária:** Comida brasileira no mapa
- 28 **História Maluca:** O dedinho dolorido de Saddam

tomos e telas

- 60 **Lançamentos:** Moscou, 1941: relatos de quem viu
- 62 **Exposição:** Os aviões de Santos Dumont

museus do mundo

- 64 The Cloisters

foto-história

- 66 Graham Bell inaugura a conexão telefônica entre Nova York e Chicago

Guia do
Estudante

◊ SIMULADÃO 53 QUESTÕES COM RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1º SEMESTRE
2009

e Atualidades

VESTIBULAR + ENEM

DOSSIE

ÁGUA

DESPERDÍCIO, MAU USO E POLUIÇÃO DAS FONTES
AMEAÇAM A HUMANIDADE COM O FANTASMA DA SEDE



72 temas que caem na prova

41
RESUMOS
PARA VOCE
ESTUDAR



OBAMA
GRANDE EXPECTATIVA,
ENORMES DESAFIOS



CRISE ECONÔMICA
ENTENDA AS CAUSAS
E AS CONSEQUÊNCIAS



FAIXA DE GAZA
A GUERRA ENTRE ISRAEL E PALESTINOS É UM DOS
MAIS LONGOS CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS

e mais:

- ◊ RAIOS NA AMAZÔNIA
- ◊ REFORMA DA ORO
- ◊ CONTRASTES DO IDH
- ◊ AGRICULTURA BRASILEIRA
- ◊ DOENÇAS EM FOCO
- ◊ MURO DE BERLIM
- ◊ MIGRAÇÃO GLOBAL



PREPARE-SE

- ◊ PEQUENO MANUAL DE REDAÇÃO
- ◊ FILMES E QUADRINHOS DIVERTEM E ENSINAM
- ◊ APRENDA A LER MAPAS E GRÁFICOS: O MUNDO TODO TRABALHA PARA FABRICAR UM IPOD



**JÁ NAS
BANCAS**

e Guia do
Estudante

**FALTA INFORMAÇÃO?
QUEBRE O VIDRO**



“O Atualidades Vestibular 2009 explica os principais acontecimentos em curso no Brasil e no mundo. Com ele, você amplia a compreensão sobre os temas noticiados pela imprensa e reforça sua preparação para os vestibulares e o Enem.”

Compre também pelo site www.lojaabril.com.br

"Muito interessante saber que desde o início da democracia já havia voto de cabresto."

Marcos Ramos, na comunidade da revista no Orkut

GRÉCIA

Nunca tinha parado para pensar e comparar o voto de cabresto e a atitude de alguns eupátridas no ostracismo, manipulando o voto dos que não sabiam escrever.

Felipe Souza

Pentecoste - CE

Val dar tempo de usar a revista para dar aula nas quintas séries e no Ensino Médio. Utilizo a revista como apoio didático mesmo.

Leocádia Ferreira

Na comunidade da revista no Orkut

Vocês marcaram um gol de placa! Na disciplina de Cultura Clássica, estudaremos a Grécia. Leremos a *Odisséia*. A professora nos disse para não nos assustarmos com os termos presentes na obra e que devemos lê-la com a mentalidade da época. Acham que terei alguma dificuldade? Eu não!

Renato Rocha

São Paulo - SP

Quem é professor sabe o quanto as ilustrações chamam a atenção dos alunos em sala de aula. A revista usa fotos ou pinturas históricas para ilustrar suas páginas. Sei que isso não é essencial, mas os personagens que retratam o cotidiano ateniense estão um horror.

Elton Regis

Fortaleza - CE

Se nossos políticos se interessassem pelo legado filosófico e cultural deixado pelos gregos, nossa sociedade e instituições seriam muito mais justas.

Eduardo

na comunidade da revista no Orkut

SUGESTÃO

Gostaria de fazer algumas sugestões. Recentemente li a biografia de Bolívar, libertador da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia, e fiquei muito interessado em sua história. Soubemos que existe um museu em sua homenagem em Caracas e gostaria muito de ler sobre isso na seção *Museus do Mundo*. Gostaria de pedir também uma matéria de capa com Bolívar e San Martín. Percebi que, entre tantos latino-americanos ilustres, nenhum deles teve uma matéria digna de seus feitos em prol da libertação sul-americana contra o domínio espanhol.

Alexandre Tadeu

Embu das Artes - SP

DOM HELDER

Este é o ano do centenário do nascimento de dom Helder Câmara, que foi comemorado no dia 7 de fevereiro de 2009, e não de seus 90 anos, como foi publicado na seção *Tomos e Telas* ("Lançamentos", pág. 60).

João Ricardo

Por e-mail

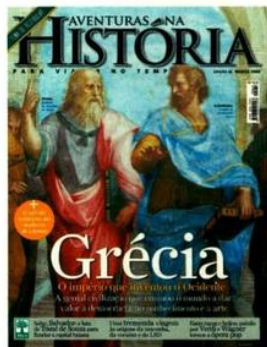
João Ricardo, você tem razão: 2009 é o ano do centenário do nascimento de dom Helder Câmara e não dos seus 90 anos.

LINHA DO TEMPO

Gostei muito da Linha do Tempo da Idade Moderna ("Revoluções por minuto", pág. 22). Foi um refresco recordar tantas coisas que ocorreram durante esse período e uma oportunidade de saber o que gerou a sociedade atual e suas instituições políticas, econômicas e religiosas.

Sérgio Silva

Itabora - BA



BRASILIANAS

Gostaria de registrar a enorme satisfação que senti ao ler o artigo "Como a França moldou o Brasil" (pág. 16). Mostrou um lado diferente dos eventos, modificando as concepções que carregamos desde o Ensino Médio, de que os portugueses "bonzinhos" teriam expulsado os franceses "malvados".

Adgerian Júnior

Juaizeiro do Norte - CE

A influência francesa no Maranhão foi tão grande que São Luís é considerada a única cidade brasileira fundada por franceses. O engraçado é que ela é patrimônio histórico da humanidade por causa de seus casarões portugueses. A fundação de São Luís é debatida com defensores dos dois lados.

Nila Michele

Por e-mail

ÓPERA

As ilustrações da matéria "Resumo da ópera" (pág. 36) despertaram em mim o desejo de estar naquele teatro, assistindo a uma ópera (*O Guarani* seria uma boa escolha).

Fernanda Azevedo

Cuiabá - MT



PIO XII

A conduta de Pio XII diante do nazismo foi de uma expertise considerável ("Bendito ou maldito", ed. 67, pág. 30). Se o Santo Pontífice se manifestasse abertamente, não teria armas para enfrentar Adolf Hitler e seus aliados e com certeza sofreria represálias violentas, vidas inocentes seriam interrompidas e o número adicional de mortos na Segunda Guerra seria um mero detalhe. Muito boa a reportagem de HISTÓRIA. Parabéns!

Adailton Rodrigues da Silva
Pore-mail

LIVROS

Qual é o nome do livro que Aristóteles está carregando? E o livro que Platão está levando (*Timeo*), fala sobre o surgimento do Universo?

Fernando Gomes de Freitas Júnior
Recife-PE

O livro que Aristóteles carrega chama-se Ética. Timeo, o livro de Platão, estabelece comparações entre geometria e harmonia musical.

ENTORPECENTES

Interessante saber que as drogas serviam de remédio e que hoje são manipuladas pelo tráfico e pelo crime ("Meu bem, meu mal", pág. 42). Pareceu-me que as pessoas eram mais civilizadas antes da proibição dos entorpecentes e que a liberação não gerava dependência.

Giselle Monteiro
São Paulo-SP

FALE COM A GENTE

REDAÇÃO

Escreva suas perguntas, críticas e sugestões a respeito da revista para a redação de HISTÓRIA - av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, CEP 05425-902, São Paulo, SP. Se preferir, fale com a Adriana Meneghelli por e-mail (sem se esquecer de colocar na mensagem o seu nome e o da sua cidade): aventhistoria@abril.com.br

PARA ASSINAR

Entre no site: www.assinabril.com.br, br ou mande um e-mail para assinaturas@abril.com.br ou escreva para Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, 4º andar, CEP 02909-900, São Paulo, SP. Tels: (11) 3347-2121 - Grande São Paulo; 0800-7752828 - outras localidades. De 2ª a 6ª, das 8h às 22h Fax: (11) 5087-2100

PARA ANUNCIAR

Fale com Fernando Sabadin, e-mail fernando.sabadin@abril.com.br. Tels: (11) 3037-5189; Rio de Janeiro: (21) 2546-8100; outras localidades: (11) 3037-5759; vendas diretas: (11) 3037-5000

VENDA DE CONTEÚDO

Para direitos de reprodução dos textos e imagens publicados em HISTÓRIA, acesse www.conteudoexpresso.com.br ou ligue para: (11) 3089-8853

ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Dúvidas sobre pagamentos, envio, assinaturas e reclamações. Site: www.abrilsac.com.br E-mail: abrilsac@abril.com.br Av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, CEP 05425-902, São Paulo, SP. Renova fácil: (11) 5087-2145 Tels: (11) 5087-2112 - Grande São Paulo; 0800-7752112 - outras localidades De 2ª a 6ª, das 8h às 22h Fax: (11) 5087-2100

CARTA DO MÊS

CALOURO SATISFEITO

Revista ajudou vestibulando a entrar na faculdade

Em janeiro, prestei vestibular para Licenciatura Plena em Pedagogia. Devido a vários assuntos abordados na HISTÓRIA (sou assinante), acertei diversas questões e fui aprovado! Agradeço à equipe fantástica que faz essa excelente revista.

José Rui Q. da Silva

Monte Dourado-PA

Parabéns, José Rui! Ficamos muito satisfeitos em saber que pudemos

contribuir de alguma forma para o seu desempenho no vestibular. Histórias como a sua motivam ainda mais nosso trabalho! Muito sucesso na nova etapa e que a revista possa ajudá-lo ainda mais no seu futuro!



A CARTA
ESCOLHIDA
LEVA UM
DVD!

CUIABÁ

Sou leitora da revista desde que a descobri, há quase quatro anos. Sou professora de História e muitas vezes utilizei as matérias para enriquecer o conteúdo de minhas aulas. Elas são muito úteis. Neste mês fiquei muito contente ao deparar com uma matéria sobre o estado onde moro ("Disputa por Cuiabá causou massacre", ed. 67, pág. 25). É importante conhecer a história do lugar onde se vive e também poder, de uma forma didática, repassá-la aos seus alunos. Adorei. Vocês estão de parabéns!

Dinaci Fernandes de Jesus

Jangada - MT

ENTREVISTA

Ótima a entrevista do Barone com o André Midani. Quase perco a hora de ir para o trabalho! Como é interessante ouvir a história de pessoas que viveram a época. A entrevista me fez lembrar uma

conversa no salão do barbeiro, durante minha infância. Um veterano pracinha da FEB, que contou a história da força expedicionária em Monte Castelo.

Ulisses Tambosi

Joinville - SC

ERRATA



• Houve um erro no crédito da reportagem sobre Tomé de Souza ("Salvador da pátria", pág. 46). Ela foi escrita por Juan Torres, de Salvador (BA).
• A rainha Sílvia da Suécia é filha de pai alemão e mãe brasileira ("E viveram felizes para sempre", pág. 56).

HISTÓRIA MILITAR

Heróis de uma batalha perdida

Militares brasileiros lutaram e foram derrotados na Guerra Civil Espanhola

Entre 1936 e 1939, a Espanha foi convulsionada por uma guerra civil que deixou meio milhão de mortos. Concluída há 70 anos, a luta dos republicanos contra os nacionalistas do general Francisco Franco (1892-1975) ficou marcada pela participação expressiva de voluntários estrangeiros. Aproximadamente 60 mil pessoas, de 53 diferentes nacionalidades, se alistaram nas Brigadas Internacionais, um grupo de apoio aos defensores da República. Os brigadistas

perderam a luta para Franco, que tinha mais homens e armas, mas tornaram-se exemplo de sacrifício por uma causa. Um grupo de 15 brasileiros esteve lá. Vários deles tiveram participação marcante.

Esses soldados eram jovens que, em 1935, haviam participado da Intentona Comunista, a mal sucedida tentativa de golpe contra o governo Getúlio Vargas. Em 1937, eles foram para a Espanha. Saíram de diferentes locais, com destinos variados.

Em 1938, quando os brigadistas foram desmobilizados, começou uma nova aventura para os brasileiros. Vários ficaram em campos de concentração na Argélia e na França. Os que voltaram para casa foram presos. Com o tempo, suas experiências ficaram esquecidas. Hoje todos os veteranos estão mortos e apenas dois deles, Apolônio de Carvalho e José Gay da Cunha, escreveram memórias, os livros *Vale a Pena Sonhar* e *Um Brasileiro na Guerra da Espanha*. **TADEU BREDA**

GUERREIROS VOLUNTÁRIOS

Vindos de todos os lugares, os brigadistas atuaram na base do improviso

FALTA DE ESTRUTURA

Apesar do apoio da União Soviética, os armamentos usados pelas Brigadas eram ultrapassados. Muitos soldados usavam canhões da Primeira Guerra Mundial.

BATALHÃO INTELECTUAL

Em geral, os voluntários eram operários. Mas os artistas fizeram a fama do grupo. O escritor George Orwell, por exemplo, foi ferido no pescoço.

HOMENAGEM

Em 1996, o governo espanhol cumpriu uma promessa feita 60 anos antes: todos os brigadistas ainda vivos receberam cidadania espanhola. Foi o caso de quatro brasileiros.

AFINIDADE COMUNICATIVA

Brigadistas que falavam idiomas parecidos lutavam juntos. Vários brasileiros foram incorporados ao Batalhão Garibaldi, formado por italianos e espanhóis.



MARCAS TUPINIQUINS

Cidades onde brasileiros pegaram em armas e quatro casos heroicos



GRANADAS E MORTES

Histórias de coragem e sangue em território espanhol

Em julho de 1938, as forças republicanas fizeram uma travessia surpresa em um trecho do Ebro, o mais volumoso rio espanhol. Durante os 100 dias seguintes, o Exército de Franco perdeu 30 mil homens, mas conseguiu matar 60 mil inimigos. Terminava assim, em tragédia, a última grande ofensiva das Brigadas Internacionais. Considerada por muitos historiadores como o conflito mais decisivo da Guerra Civil Espanhola, a batalha do Ebro contou com a participação de dez brasileiros. Nesse dia, o tenente pernambucano David Capistrano usou uma metralhadora para imobilizar

os inimigos tempo suficiente para que seus homens batessem em retirada. Outra batalha que ficou marcada pela participação decisiva de um brasileiro foi a de Piedras de Aolo, quando o tenente gaúcho Hermenegildo de Assis Brasil lançou mais de 100 granadas de mão para repelir quatro assaltos consecutivos. Entre os compatriotas promovidos, destaque para Apolônio de Carvalho, que começou como capitão, alcançou a patente de coronel e chegou a comandar batalhões. Dois brasileiros morreram na Espanha. Um deles foi o piloto Eneas Jorge de Andrade. O outro, Alberto Besouchet, é uma possível vítima de fogo amigo. Pouco depois de

chegar à Espanha, no primeiro semestre de 1937, ele desapareceu em Barcelona, durante um confronto entre dois grupos de brigadistas. Há suspeitas de que ele tenha sido fuzilado. "A morte do tenente ocorreu em condições ignoradas", afirma Paulo Roberto de Almeida, diplomata e pesquisador do assunto.



Morto em 2005, Apolônio chegou a coronel





A frase surgiu quando Edward Murphy se irritou na frente de um coronel

COMPORTAMENTO

O lema do pessimismo faz 60 anos

Comentário mal-humorado de um engenheiro deu origem à lei de Murphy

A fila do lado sempre anda mais rápido. A torrada só cai no chão com a manteiga virada para baixo. As pessoas só encontram algo no último lugar em que procuram. Essas são algumas variações de um dos lemas mais populares do século 20, a lei de Murphy. O preceito, que pode ser resumido pela frase “se algo pode dar errado, vai dar errado”, foi enunciado pela primeira vez há 60 anos. Seu autor é o engenheiro Edward Murphy Jr. (1918-1990).

Em 1949, Murphy fazia parte de um Projeto da Força Aérea dos Estados Unidos que tentava determinar a tolerância do corpo à força da gravidade. Para isso, pilotos voluntários eram amarrados a carros sobre trilhos e lançados a velocidades altíssimas. Murphy criou sensores eletrônicos a fim de medir a força aplicada ao organismo. Contudo, depois do primeiro teste, o equipamento não funcionou, e o engenheiro criticou o funcionário encarregado de instalá-

lo: “Se há dois jeitos de fazer algo, e um deles resulta em desastre, este rapaz vai fazer do jeito desastroso”. Um dos presentes, o coronel John Stapp, gostou do comentário e o espalhou. Em 1952, a frase já era citada em um livro da psicóloga Anne Roe (1904-1991). Em 1962, foi empregada num filme de treinamento do Exército americano. Mas, a essas alturas, ninguém mais sabia quem era o tal Murphy.

Em 1977, o preceito ganhou notoriedade quando o escritor americano Arthur Bloch lançou o livro *A Lei de Murphy*. Foi publicado em 30 países, mas Bloch não dava o crédito ao engenheiro. Edward Murphy ficou longe dos holofotes até morrer, em 1990. Anos depois, o jornalista Nick Spark descobriu sua história. Em 2003, a lei ganhou o prêmio igNobel — uma paródia do prêmio Nobel, concedido pela Universidade de Harvard para “ideias que nos fazem sorrir, e depois nos põem a pensar”. **ÁLVARO OPPERMANN**

Réquiem a presidentes africanos

A matança de chefes de Estado já virou rotina na África. O presidente da Guiné-Bissau é o 17º assassinado em menos de cinco décadas

João Bernardo Vieira

★ 1939  / 2009

À frente da Guiné-Bissau por 23 anos não consecutivos, morreu em 2 de março passado, horas depois do assassinato do comandante das Forças Armadas, Tagmé Na Wai. O escritor britânico Frederick Forsyth (autor de *Cães de Guerra*), presente no país no momento do crime, afirma que ele foi ferido numa explosão, atingido por tiros e, por fim, esquartejado por soldados do seu próprio exército.

Sylvanus Olympio

★ 1902  1963

Descendente de escravos brasileiros, primeiro presidente do Togo, foi baleado três anos depois da posse. O mandante do crime, Etienne Gnassingbe Eyadéma, assumiu o posto e lá ficou até morrer, em 2005.

Richard Ratsimandrava

★ 1931  1975

Ministro do Interior em 1972, no golpe que derrubou o governo de Madagascar, manipulou o Exército e virou presidente em 1975. Foi morto seis dias depois em uma emboscada.

ANWAR EL SADAT

★ 1918  1981

Líder do Egito de 1970 a 1981, ganhou o Prêmio Nobel da Paz junto com o presidente de Israel, Menachem Begin, por negociações pacíficas entre suas nações, o que desgostou radicais islâmicos.



Marion Nguabi

★ 1938  1977

Em 1968, assumiu a presidência do Congo Francês. Mudou o nome para República Popular do Congo em 1970 e aproximou o país do socialismo. Morreu em atentado.

MURTALA RAMAT MOHAMMED

★ 1938  1976

No comando da Nigéria desde 1975, prometeu restaurar o Estado civil e combater a corrupção, tornando-se um "herói". Foi morto por militares.

N'Garta Tombalbaye

★ 1918  1975

Presidente do Chade desde 1969, François Tombalbaye mudou seu nome para N'Garta na revolução cultural que reafirmava valores autóctones. A nação cindida não gostou.

Laurent Kabila

★ 1939  2001

Levou um tiro de seu guarda-costas enquanto despachava no gabinete presidencial, na República Democrática do Congo, antigo Zaire.



Juvenal Habyarimana

★ 1937  1994

Cyprien Ntaryamira

★ 1955  1994

Presidentes de Ruanda e Burundi, respectivamente, foram assassinados quando voltavam de uma cúpula entre chefes de Estado africanos, na Tanzânia. O avião de propriedade do ruandês explodiu durante um atentado.



WILLIAM RICHARD TOLBERT

★ 1913  1980

Presidente da Libéria entre 1971 e 1980 (reeleito em 1975), aprofundou a disparidade econômica no país.

ABDIRASHID ALI SHERMARKE

★ 1919  1969

Presidente da Somália de 1967 a 1969, foi baleado por seu guarda-costas durante atentado em um golpe militar.

Thomas Sankara

★ 1949  1987

Morto durante um golpe liderado por seu braço direito Blaise Compaoré, que governa Burkina Fasso desde então. As circunstâncias de sua morte nunca foram esclarecidas.

SAMUEL DOE

★ 1951  1990

Articulou o golpe que matou seu antecessor, Richard Tolbert, dez anos antes e virou presidente da Libéria. Foi preso e torturado por facções rebeldes antes de ser morto.

Melchior Ndadaye

★ 1953  1993

Primeiro presidente eleito no Burundi, pertencia à maioria étnica hutu. Foi morto por soldados tutsis a baioneta, durante uma tentativa fracassada de golpe militar.



IBRAHIM BARE MAINASSARA

★ 1949  1999

Presidente de Niger, muçulmano, foi metralhado pelo chefe da guarda presidencial ao voltar de uma peregrinação a Meca, durante um golpe militar.



Legenda:  metralhadora,  fuzil,  revólver ou baioneta /  facão  explosão  missil  causa desconhecida

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Terra das oportunidades

Brasil já deu asilo político a várias personalidades polêmicas

A polêmica em torno da concessão de refúgio ao ativista italiano Cesare Battisti, acusado de quatro homicídios na Itália, não é inédita na História do Brasil. Há 30 anos, nos envolvemos em uma enrascada parecida com quatro países ao mesmo tempo: Áustria, Polônia, Israel e Alemanha Ocidental. Em 1979, todos queriam prender o criminoso de guerra nazista Gustav Wagner, condenado à morte pelo Tribunal de Nuremberg. Nenhum conseguiu.

Nascido na Áustria, em 1911, Wagner trabalhou no campo de extermínio de Sobibor, na Polônia. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, fugiu para escapar da execução. Em abril de 1950, chegou a São Paulo usando um passaporte suíço. Morou em Atibaia até 1978, quando se apresentou à polícia para desmentir a informação de

que teria ido a uma festa em homenagem a Hitler. Assim que ele foi detido, começaram a chegar os pedidos de extradição. Todos negados, até que, em 1979, o Supremo Tribunal Federal o libertou por falta de provas. Em outubro de 1980, Wagner apareceu morto com uma facada no peito. A polícia concluiu que ele se matou.

Na verdade, nosso hábito de não extraditar estrangeiros procurados surgiu no fim do século 19. "O Brasil assinou todas as convenções internacionais que concedem abrigo aos estrangeiros", diz Paulo Borba Casella, especialista em Direito Internacional da Universidade de São Paulo. A lista de beneficiados inclui um representante das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e o general de Exército Alfredo Stroessner, ex-ditador paraguaio (veja abaixo). **RITA LOIOLA**

APOSENTADORIA NOS TRÓPICOS

Os casos mais famosos de pessoas que encontraram abrigo por aqui



OLIVÉRIO MEDINA

Ex-padre e integrante das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, as Farc, foi preso no Brasil duas vezes, em 2000 e em 2005.

Em 14 de julho de 2006, conseguiu o status de refugiado. Hoje se apresenta como embaixador das Farc em Brasília. A Colômbia ainda tenta conseguir sua extradição.



ALFREDO STROESSNER

O ex-ditador, que governou o Paraguai de 1954 a 1989, viveu como

refugiado em Brasília até falecer, em 2006. Entidades de direitos humanos atribuem a ele 900 assassinatos e desaparecimentos. Mas o governo brasileiro nunca aceitou devolver Stroessner aos paraguaios.

**RONALD BIGGS**

Participou do famoso assalto ao trem pagador, em Glasgow, em 1963. Preso no ano seguinte, fugiu da cadeia e chegou ao Rio de Janeiro, em 1970. Reconhecido em 1974, não pôde ser extraditado porque sua namorada brasileira estava grávida. Em 2001, voltou para a Inglaterra e foi detido imediatamente.

**PIETRO MANCINI**

Participante da organização Autonomia Operária, foi condenado por assassinato na Itália. Em 2005, o Brasil negou seu pedido de extradição. Mancini naturalizou-se brasileiro, montou uma produtora e trabalhou na campanha de Fernando Gabeira para prefeito do Rio de Janeiro.

**ALBERT PIERRE**

O ex-chefe da polícia secreta do Haiti foi parar em Fernando de Noronha depois da queda do governo Duvalier, em 1986. Acusado de assassinar, torturar e violar os direitos humanos dos opositores ao regime haitiano, conquistou o refúgio um ano depois de chegar. Hoje mora em São Paulo.

**ACHILLE LOLLO**

O combatente do grupo Italiano Poder Operário foi condenado a 18 anos de prisão por dois homicídios em uma residência incendiada pelo grupo. A polícia o prendeu em 1993, no Rio de Janeiro, mas sua extradição foi negada. Ligou-se ao PT e ao PSOL e hoje dirige documentários politizados.

**GEORGE BIDAULT**

Membro da resistência francesa e ex-primeiro-ministro, se opôs à política do presidente da França Charles de Gaulle de conceder independência à Argélia, em 1962. No ano seguinte, foi acusado de participar de uma conspiração de extrema-direita no país e fugiu para o Brasil, onde viveu com a esposa durante quatro anos.

Para um feirante, 4 reais o quilo.



Para quem lê a Super.

Nenhuma vez a maçã é citada na Bíblia como o fruto proibido. Aliás, a expressão "fruto proibido" também não está no Gênesis.

Além de batizar os computadores mais famosos do mundo, a maçã McIntosh é uma das variedades mais comuns nos lanches escolares dos EUA.

A produção anual da China equivale a 39 anos de consumo de maçã no Brasil.

Não mastigue as sementes. No seu estômago, elas liberam cianeto. E ninguém sabe exatamente quantas sementes são necessárias para prejudicar sua saúde.

25% do volume de uma maçã é ar. Por isso, ela faz um barulho crocante quando a mordemos – são os "colchões de ar" que se rompem.

Uma maçã tem 12 substâncias que previnem e combatem o câncer. Todas estão na casca.



enxergue super

ÚLTIMAS Por Julia Priolli

A FACE OCULTA 1

Quadro pode ser auto-retrato inédito de Da Vinci

Um quadro em óleo sobre tábuas foi descoberto pelo historiador Nicola Barbatelli, nos pertences de uma família aristocrática de Acerenza, sul da Itália. O retratado — um barbudo na meia-idade, grisalho e de olhos azuis — seria Leonardo da Vinci (1452-



1519). Especialistas afirmam que o quadro foi produzido durante o período da Renascença e que lembra uma imagem de Da Vinci que está exposta na Galeria Uffizi, em Florença. A frase "Pinxis mea" (pintura minha) grafada de trás para a frente na parte posterior da tábua corrobora a tese de que seja um auto-retrato. Afinal, é sabido que o pintor era dado a marcar suas obras com mensagens cifradas que exigem leituras espelhadas.

A FACE OCULTA 2

Stanley Wells, pesquisador da entidade Shakespeare Birthday Trust, divulga um suposto retrato do dramaturgo, aos 46 anos. Em rendas italianas, com bochechas coradas, o quadro de 1610 indica que, no fim da vida, **Shakespeare** (1564-1616) era um influente e abastado membro da aristocracia, em contraposição à imagem de bardo famélico que o mundo conhece. O retrato será exposto no fim de abril, na sede da entidade, na cidade natal de Shakespeare, Stratford-upon-Avon, na Inglaterra.



PÉ NO CHÃO

Pegada revela detalhes da anatomia de pés ancestrais



Nossos antepassados tinham pés semelhantes aos nossos e poderiam calçar um sapato masculino tamanho 39. É o que indica uma **pegada** de 1,5 milhão de anos, encontrada no norte do Quênia. O achado representa a evidência mais antiga da anatomia dos pés de um *Homo ergaster*, uma forma quase concomitante ao *Homo erectus*. Seus pés teriam arco e dedão, mas os demais dedos eram mais curvilíneos que os nossos. A descoberta também indica a transição da ocupação das árvores — morada original dos primatas — ao solo.

CABELOS PRÉ-HISTÓRICOS

Excrementos fossilizados de hienas encontrados na África escondiam os **fios de cabelos humanos** mais antigos do mundo. Teriam caído da cabeça de alguém que viveu entre 195 mil e 257 mil anos atrás, superando em milênios a idade do cabelo mais velho conhecido até então — o da múmia de Chinchorro, de 9 mil anos, encontrada no norte do Chile. Não se sabe se as hienas comiam humanos ou se devoravam apenas as carniças. Mas uma coisa ficou clara: excrementos são eficientes preservadores de cabelo!



DARWIN NA INTIMIDADE

O naturalista tinha dúvidas sobre casamentos

No bicentário do nascimento de Charles Darwin (1809-1882) o editor Robin Lloyd, do site Live Science, divulgou curiosidades sobre o naturalista. Antes de se casar com **Emma Wedgwood**, em 1838, teria feito uma lista de prós e contras. Entre os contras, perda de tempo e impossibilidade de leitura noturna. Entre os prós, companhia da esposa (melhor que a de um cachorro, assinalou) e filhos. Optou por casar, acrescentando à sua lista a sigla Q.E.D. São as iniciais da frase latina "quod erat demonstrandum", utilizada no fim das equações matemáticas para indicar a comprovação de uma teoria.



PRIMEIRAS PALAVRAS

Desenvolvido por pesquisadores da Universidade de Reading, no Reino Unido, um simulador estima a idade das palavras, através da frequência com que elas são usadas. As mais comuns são as mais antigas. A habilidade de mudança das palavras é transformada em linguagem matemática e decodificada pelo computador. As primeiras palavras inglesas têm 20 mil anos e foram: *me*, *us*, *two* e *three* (eu, nós, dois e três). O programa prevê que *squeeze*, *stick* e *bad* (espremer, pau e mau) entrarão em extinção.

COCHILOS REAIS

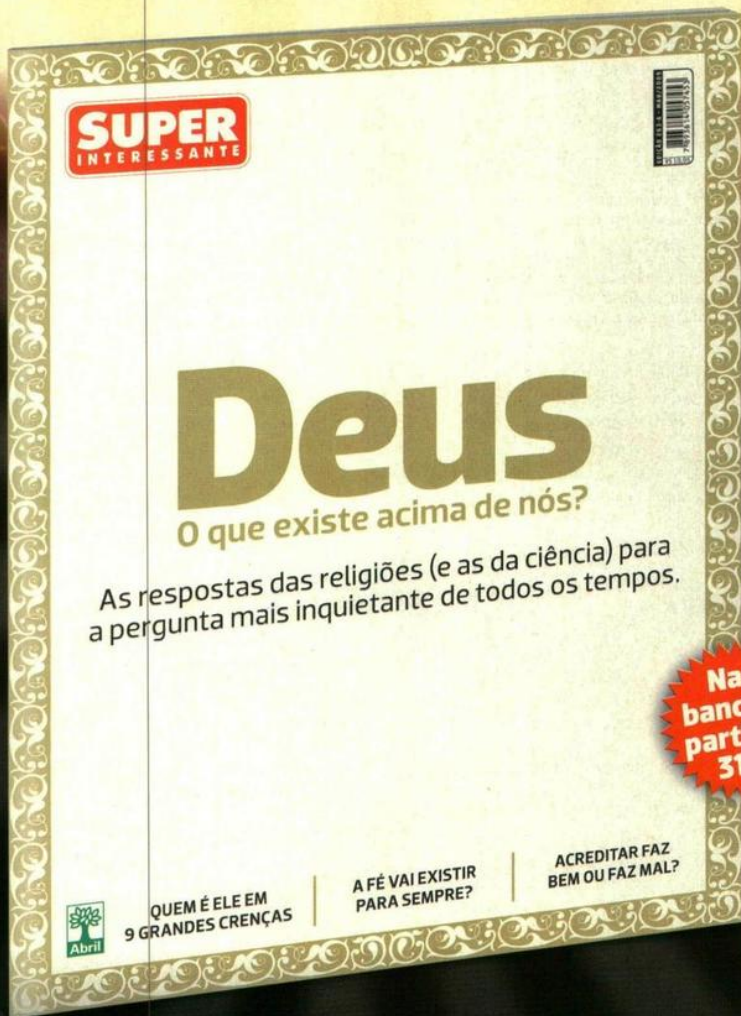
O imperador sofria de doença do sono

Dom Pedro II (1825-1891) dormindo em pleno expediente era uma **charge** típica do fim do império. As línguas ferinas acusavam o monarca de ser indiferente à nação, mas pesquisadores da USP e UFRJ concluíram que ele sofria de apnéia do sono. A disfunção é um problema respiratório que ocorre à noite, enquanto a pessoa está dormindo, resultando em cansaço excessivo durante o dia.



O mistério mais inquietante da humanidade

dinâmico



Quem é Deus? Por que acreditamos? Saiba como 9 crenças veem Deus e também o que Darwin, Einstein e Stephen Hawking já disseram a respeito do Criador. Uma edição imperdível.

SUPER
INTERESSANTE

Compre também pelo site: www.lojaabril.com.br

EDITORA  **Abril**

Os biopiratas do Jardim do Éden

Por mais de três séculos, o Brasil foi um laboratório na guerra global que os europeus travaram pelo controle das especiarias

Em muitos dicionários e livros escolares, a carambola é apresentada como uma espécie tropical, típica do Nordeste brasileiro. Na verdade, essa fruta suculenta, rica em antioxidantes e vitamina C, chegou ao Brasil há menos de 200 anos, depois de percorrer um longo caminho repleto de aventuras e perigos. A primeira muda foi plantada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 1811, embora seu cultivo só tenha se propagado seis anos depois, a partir de Pernambuco. O exemplar pioneiro vinha de Caiena, a capital da Guiana francesa, que o então príncipe regente dom João (1767-1826) mandara invadir, com apoio dos ingleses, em 1809.

A ocupação da Guiana pelos portugueses tinha dois objetivos. O primeiro era retaliar o imperador Napoleão Bonaparte (1769-1821), que, dois anos antes, tomara Lisboa e obrigara a família real portuguesa a fugir para o Brasil. O segundo, roubar os preciosos tesouros botânicos cultivados no viveiro de Caiena. Um deles

era a carambola. Originária da Indonésia e do Ceilão (atual Sri Lanka), essa espécie fora transplantada para a América por biopiratas franceses entre os séculos 16 e 17. Na Guiana, era guardada como um segredo de Estado. Além da carambola, as tropas portuguesas trouxeram para o Rio diversas outras espécies, incluindo a cana de Caiena, que, adaptada às terras férteis da zona da mata nordestina, passaria a ser chamada de cana caiana, tema da famosa canção de Alceu Valença.

O saque do viveiro francês na Guiana foi apenas um episódio menor da guerra que, durante mais de três séculos, portugueses, espanhóis, ingleses e holandeses travaram pelo controle das especiarias. A lista incluía frutas, flores, grãos e sementes usados como remédios, temperos e cosméticos, além da madeira para corantes de tecidos e fabricação de navios. Algumas eram tão valiosas na Europa como seriam depois o ouro, o diamante e o petróleo. Seu preço comandava a economia internacional e fazia a fortuna de aventureiros e a glória de reis e rainhas.

Frutas, flores,
sementes e grãos:
tesouros piratas





"Espécies que forneciam tinta ou açúcar, remédios ou carvão, fibras, alimentos, frutas, raízes, flores ou bebidas eram buscadas pelos mares", registra Rosa Nepumuceno em seu livro sobre o Jardim Botânico do Rio. "Funcionavam como reserva de capital, produtos que poderiam garantir a saúde financeira de um reino". Por isso, o cultivo dessas espécies fora de seus habitats era motivo de obsessão.

No período colonial, o Jardim do Éden das especiarias ficava no cinturão conhecido como *As Índias*. Compreendia, além do próprio subcontinente indiano, o Ceilão, a Malásia, as Filipinas, a Indonésia e, principalmente, as Ilhas Molucas, o paraíso de cravo, noz-moscada e canela. Até o século 14, o comércio de especiarias era monopólio árabe. Eles revendiam aos mercados de Veneza, que repassavam para o restante da Europa. A descoberta do caminho das Índias pelos mares, contornando o cabo da Boa Esperança, mudou o cenário. Com o poderio de seus canhões e a engenhosidade de suas caravelas, os portugueses logo se tornaram os senhores desse lucrativo negócio. Mas seus domínios seriam disputados, durante séculos, pelas demais potências europeias.

Lucro de 4700%

Em 1499, ao retornar a Lisboa ao fim de sua primeira incursão na Índia, Vasco da Gama (1469-1524) transportava uma carga 60 vezes mais valiosa que o custo de sua expedição. A viagem do britânico Francis Drake (1540-1595), entre 1577 e 1580, com escala nas Ilhas Molucas, rendeu a seus investidores um lucro de 4 700%. Em 1603, quando os ingleses estabeleceram sua

primeira colônia na ilha de Run, nas vizinhanças da Nova Guiné, um fardo de 4,5 quilos de noz-moscada era comprado na Ásia por meio centavo de libra esterlina e revendido na Inglaterra por um preço 32 mil vezes maior.

A perspectiva de lucros exorbitantes passou a orientar as ações dos colonizadores. Ao ocupar a cidade de Goa (Índia), no início do século 16, os portugueses tomaram quatro providências. A primeira foi construir uma fortaleza para defender seu novo território. Depois, ergueram uma igreja e uma escola. Por fim, criaram um jardim botânico medicinal, onde os padres jesuítas iniciaram um rigoroso processo de experimentos com plantas indianas. A tradução dessas pesquisas do português para outras línguas europeias é considerada a pedra fundamental da moderna farmacologia, segundo o jornalista e historiador britânico Martin Page.

Ao chegar ao Brasil, em 1808, dom João criou a Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegações, que incentivava quem transplantasse para o Brasil plantas de interesse econômico. Um dois premiados foi Luís de Abreu Vieira de Paiva, oficial da Armada Real Portuguesa. Em 1809, ele naufragou perto das Ilhas Maurício, no oceano Índico, pertencentes à França. Ali, o botânico e ex-missionário Pierre Poivre tinha criado o Jardim de la Pamplemousse, para aclimatar espécies da Ásia e das Américas. Poivre foi um grande biopirata, responsável, entre outras façanhas, pelo roubo na Ásia de mudas de pimenta-do-reino que, mais tarde, seriam cultivadas na América. Por isso, em sua homenagem, pimenta passou a se chamar

"poivre" em francês. Salvo do naufrágio, Paiva convenceu os franceses a libertar 200 portugueses prisioneiros e ainda trouxe para o Brasil 20 caixas de mudas para o horto do Rio. A carga incluía cânfora, cravo-da-índia, canela, noz-moscada, manga, lichia, cajá, abacate, acácias, nogueiras, abricós, frutas-pão e a famosa palmeira imperial que dom João teria plantado no Jardim Botânico em 1813.

O Brasil já era um laboratório privilegiado de especiarias antes da chegada da corte. Enquanto estimulava a pirataria de plantas de outras regiões, Lisboa promovia a exploração das novas especiarias brasileiras. O primeiro alvo de cobiça (e disputa com os franceses) foi a própria madeira que daria nome ao território, o pau-brasil, usado na tintura de tecidos. Em seguida, veio o ciclo da cana, outra espécie de altíssimo valor. Também foram estudadas e cultivadas as diversas variedades de pimenta da Amazônia, o guaraná, o urucum (substituto do açafrão), a castanha-do-pará e uma infinidade de frutos e raízes usados na indústria de tintas e remédios. Mais tarde, duas descobertas valorizariam ainda mais os produtos da floresta brasileira: o cacau, matéria-prima do chocolate, e o caucho, também conhecido como borracha, que revolucionaria os meios de transporte junto com a invenção do automóvel. ●

saiba mais

LIVROS

O Jardim de Dom João, Rosa Nepumuceno, Casa da Palavra, 2007

Descreve a criação do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

The Scents of Eden: A History of the Spice Trade,

Charles Corn, Kodansha International, 1998

Narra o comércio de especiarias a partir do século 16.

The First Global Village: How Portugal Changed

the World, Martin Page, Casa das Letras, 2002

O historiador britânico defende a grandeza de Portugal.

Mausoléu do imperador Qin

Pirâmide subterrânea era defendida pelos famosos guerreiros de Xian

Quem olha de longe vê apenas um morro coberto por vegetação rasteira na província de Xian, na China. Mas, por baixo da terra, existe uma majestosa pirâmide, construída para que Qin Shihuangdi (260-210 a.C.) tivesse em morte todo o poder e a riqueza que gozou em vida. Não é por acaso que alguns historiadores acreditam que o nome China vem de Qin (que se pronuncia "tchin"); ele unificou o

país, tornou-se seu primeiro imperador e deu início à construção da Grande Muralha. É perto de sua tumba que ficam os guerreiros de Xian, que em 2003 foram vistos por 800 mil pessoas em São Paulo.

Segundo o historiador Sima Qian, cujos registros do século 2 a.C. são a principal fonte de informações sobre a construção, mais de 700 mil pessoas de todos os cantos do país trabalharam nas

obras, que demoraram 38 anos. Embora já tenha sendo investigado há muitas décadas, o mausoléu continua envolto em grande mistério. Isso porque ninguém entrou ali. As escavações são proibidas, porque não há garantias de que elas não causariam sérios e irremediáveis danos à estrutura da construção. Tudo o que se sabe é sustentado pelos textos de Qian e por investigações feitas com sondas.

OSTENTAÇÃO E TERROR

De acordo com antigos relatos, o palácio teria riquezas e ossadas



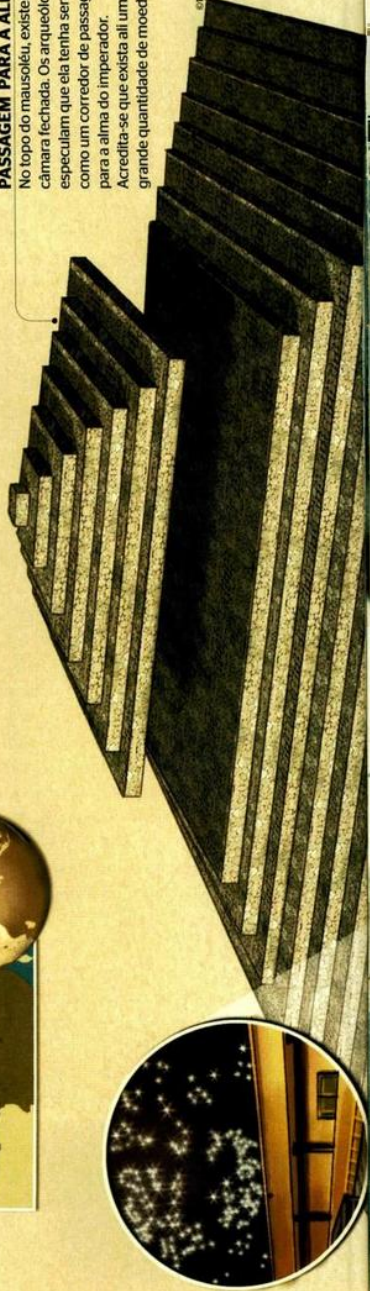
CAMUFLAGEM ARTIFICIAL

O morro que fica por cima da obra não é natural: foi construído ali com a técnica do "solo batido", na qual trabalhadores escavam uma outra região, empilham a terra e chegam a fincar plantas e árvores sobre o morro. Hoje essa pilha de terra tem 46 metros de altura, mas acredita-se que, há mais de 2200 anos, ela pode ter alcançado 100 metros.



PASSAGEM PARA A ALMA

No topo do mausoléu, existe uma câmara fechada. Os arqueólogos especulam que ela tenha servido como um corredor de passagem para a alma do imperador. Acredita-se que exista ali uma grande quantidade de moedas.



CÉU DE JÓIAS

Sobre o corpo do imperador Qin, no teto da câmara subterrânea, pedras preciosas e pérolas representam as estrelas, o Sol e a Lua. O conjunto forma uma constelação milionária.

SEGURO CONTRA ROUBO

Para evitar o ataque de ladrões, armas foram preparadas para atrair automaticamente. "Qualquer um que invadissem o local certamente teria uma morte violenta", escreveu Qian.



TESOURO SOTERRADO

Não há como quantificar as riquezas enterradas junto com o imperador. Segundo o historiador Qian, existem lá dentro centenas de pedras preciosas, objetos raros, livros e até instrumentos musicais espalhados por todo o mausoléu.

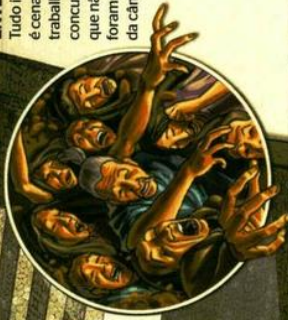


CHÃO DE MERCÚRIO

O chão do imperador foi colocado sobre um grande mapa da China, com os rios e mares representados com mercúrio. Isso prova que os chineses já tinham conhecimentos avançados de topografia.



ENTERRADOS VIVOS
Tudo indica que o local é cena de crime. Os trabalhadores da obra e as concubinas do imperador que não tiveram filhos foram soterrados ao redor da câmara mortuária.



GIGANTES DE TERRACOTA

Estátuas em tamanho natural usavam armas letais

O mausoléu do imperador Qin é mundialmente conhecido por causa de sua guarda simbólica, encontrada a 1,5 quilômetro do mausoléu: mais de 8 mil figuras de guerreiros, outras de 520 cavalos e 130 de carruagens, tudo modelado artesanalmente em tamanho natural. Cada peça é única e os militares portam armas de bronze reais (e algumas já foram usadas). Criadas com grande realismo e variedade



guerreiros enterrados

15 quilômetro

pirâmide de Qin

de posições, as estátuas, que originalmente eram coloridas (veja à esq.), pesam 260 quilos cada uma. Elas formam um verdadeiro exército, dividido em batalhões com quatro diferentes hierarquias e localizado de costas para a tumba do imperador e de frente para o antigo território inimigo. Elas foram descobertas por acaso em 1974, quando agricultores escavavam a região para construir poços.

© REPRODUÇÃO

1. MODELO: SEBASTIÃO BARBOSA

LÍDER ASSASSINADO

Memphis, Tennessee

dia
4
1968

Martin Luther King Junior (1929-1968), ativista pelos direitos dos negros nos Estados Unidos, é assassinado. Ele conversava com um pastor na sacada do hotel Lorraine



(hoje sede do Museu Nacional dos Direitos Civis) quando foi atingido por um tiro de rifle disparado por James Earl Ray (1928-1998). A morte levou milhares de pessoas a protestar por três dias.

livro: *Um Apelo à Consciência - Os Melhores Discursos de Martin Luther King*, Clayborne Carson, Jorge Zahar, 2006. Uma coletânea das mais importantes falas do líder americano.

MORTE EM BATALHA

França

dia
6
1199

Depois de cinco anos lutando contra o rei francês Felipe II (1165-1223), **Ricardo Coração de Leão** (1157-1199), da Inglaterra, morre durante uma ação militar. Ele havia sido atingido durante o cerco ao castelo de Chalus-Chabrol, última resistência de uma revolta comandada

pelo visconde Aymar V de Limoges (1135-1199). Desprotegido, sem armadura ou escudo, Ricardo recebeu uma flecha no ombro esquerdo, perto do pescoço, e não resistiu ao ferimento.

livro: *Ricardo Coração de Leão - História e Lenda*, Michele Brossard-Dandré, Martins Editora, 1993. Reconstituição da vida do rei com base em crônicas sobre ele.



NOSSO PLANETA É AZUL

Órbita da Terra

dia
12
1961

Durante uma viagem de 1 hora e 40 minutos, o cosmonauta da Força Aérea Soviética **Yuri Alekseyevich Gagarin** (1934-1968) se torna o primeiro homem a ir ao espaço. Ao ver o planeta a partir do alto, de dentro da cápsula soviética Vostok 1, ele declara: "A Terra é azul".

site: www.russianarchives.com/gallery/gagarin/
Em inglês, usa fotos para contar a vida de Yuri Gagarin.



EU ME LEMBRO

"Tinha 15 anos e acompanhei a viagem pelo rádio. Enquanto ouvia as notícias, tentava me colocar no lugar do astronauta e imaginar o que ele sentia. Ver a Terra de tão longe deve ter mexido com seus pensamentos. Certamente mexeria com os meus."

Paulo Araújo Duarte, professor de Astronomia da UFSC



LIBERDADE AOS PROTESTANTES

Nantes, França

dia
13
1598

Com o propósito de acabar com as guerras religiosas, o rei Henrique IV (1553-1610), da França, promulga o Édito de Nantes, que garantia liberdade religiosa aos protestantes locais. Quando o decreto foi revogado, em 1685, mais de 400 mil pessoas deixaram o país.

site: www.stetson.edu/~psteeves/classes/edictnantes.html
Universidade americana apresenta, em inglês, os trechos mais importantes do Édito.

GOVERNO DE TRÊS MESES

Veneza, Itália

dia
16
69

O Imperador romano Marcos Ottho César Augusto (32-69) comete suicídio. Ele havia assumido o império três meses antes, depois de matar **Galba** (3 a.C.-69). Ottho é substituído por Vitélio (15-69), que também só dura três meses. Ao tomar o poder, em dezembro, Vespasiano (9-79) se torna o quarto governante em um único ano.

site: www.roman-emperors.org/ottho.htm

A página faz um resumo da vida do imperador Ottho. Em inglês.



CAMINHADA POR DIREITOS

Brasília, Brasil

dia
17
1997

Após dois meses de caminhada, a primeira **Marcha pela Reforma Agrária, Emprego e Justiça**, organizada pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), chega a Brasília. A manifestação reuniu 50 mil pessoas, saídas de diversos estados, e tinha o objetivo de chamar a atenção para o problema da reforma agrária.



site: www.radioabras.gov.br/antiores/1997/sinopses.1804.htm
Lista das notícias dos principais jornais sobre a marcha do MST.

EU ME LEMBRO

"Estive durante três dias com a coluna que vinha do Mato Grosso, os últimos 50 quilômetros da caminhada. O convívio entre nós era ótimo. A sensação de chegar a Brasília foi de imensa satisfação. A população nos recebeu muito bem."

Luiz Bassegio, secretário do grupo Grito dos Excluídos



CATÁSTROFE AMERICANA

São Francisco, Estados Unidos



dia
18
1906

Por volta de 5 da manhã, um terremoto atinge a cidade norte-americana de São Francisco. Acredita-se que o tremor tenha passado de 8,25 graus na escala Richter. Durou menos de um minuto, mas foi seguido por um incêndio de quatro dias que destruiu a cidade. Cerca de 3 mil pessoas morreram e 250 mil ficaram desabrigadas.

site: <http://earthquake.usgs.gov/regional/nca/1906/18april/>

Em inglês, descreve o desastre, com imagens da cidade após o terremoto.

ARQUIVO

"Fui jogado para fora da cama. Desci para o saguão do hotel, onde dezenas de pessoas estavam reunidas. De repente as luzes apagaram e todo mundo correu para a porta. Do lado de fora, os prédios ao redor estavam balançando e as pessoas que passavam por mim eram esmagadas por coisas que caíam do céu."

Anotações de **G.A. Raymond**, que estava a trabalho na cidade

O INÍCIO DO TERROR

Roma, Itália



dia
20
1233

Ao promulgar a bula *Licet ad Capiendos*, dirigida aos dominicanos, o papa **Gregório IX** (1160-1241) marca o início da Inquisição. A instituição

da Igreja Católica Romana passou

a combater seus inimigos, chamados de hereges, por meio de perseguições, julgamentos e condenações.

site: www.newadvent.org/cathen/06796a.htm

Em inglês, relato do governo de Gregório IX à frente do Vaticano.

ARQUIVO

"Estais facultados, se os pecadores persistem em defender a heresia apesar das advertências, a privá-los para sempre de seus benefícios espirituais e proceder contra eles, sem apelação, solicitando se necessário a ajuda das autoridades seculares."

Trecho da bula *Licet ad Capiendos*

ESCRITOR GUERREIRO

Madri, Espanha

dia
22
1616

O escritor espanhol **Miguel de Cervantes** morre aos 68 anos. Uma de suas obras mais conhecidas, *Dom Quixote*, foi traduzida para mais de 60 línguas. Mas ele só se



dedicou à literatura no fim da vida. Antes disso, foi soldado.

livro: *As Vidas de Miguel de Cervantes*, Andrés Trapiello, Jose Olympio, 1993. Um retrato da vida do escritor com base na comparação entre as biografias já publicadas.

O BATISMO DA AMÉRICA

Lorraine, França



dia
25
1507

O tratado geográfico *Cosmographie Introductio*, produzido pelo grupo do cartógrafo alemão Martin Waldseemüller (1475-1522), é publicado com mil cópias e cita pela primeira vez o termo América para designar o Novo Mundo. O nome foi escolhido em homenagem ao navegador Américo Vespúcio (1454-1512), que havia realizado viagens de exploração ao continente.

livro: *Putting America on the Map*, Seymour Schwartz, Prometheus Books, 2007. Em inglês, o pesquisador explica como o mapa foi desenhado e impresso.

POLÍCIA NAZISTA

Prússia

dia
26
1933

Hermann Göring (1893-1946), um dos líderes do Partido Nazista, reorganiza a unidade de espionagem da polícia e cria a Gestapo. Abreviação de Geheime

Staatspolizei, ou Polícia Secreta do Estado, a entidade foi responsável por enviar judeus aos campos de concentração.

livro: *A Gestapo - 1933-1945*, Rupert Butler, Escala-Larousse, 2008

Conta a história da polícia secreta nazista, com sua estrutura e seus líderes.



VITÓRIA TEMPORÁRIA

Orleans, França



dia
30
1429

A heroína francesa **Joana D'Arc** (1412-1431) e suas tropas entram na

cidade sitiada de Orléans, durante a Guerra dos Cem Anos, contra os ingleses. O local seria libertado do cerco britânico menos de dez dias depois. O sucesso de Joana D'Arc na investida despertaria oposição dos inimigos, que a capturariam no ano seguinte.

livro: *Joana D'Arc*, Mark Twain, Record, 2001

A vida da heroína, nas palavras do famoso escritor norte-americano.

Barbie cinquentona

A primeira boneca adulta se tornou uma verdadeira instituição

Loira, olhos azuis, cintura fina e seios grandes. Com corpo e rosto de modelo, a boneca Barbie (de nome completo Barbara Millicent Roberts) sintetizou o sonho americano de consumo, status e beleza. Lançada em 1959, numa época em que a mulher se limitava a cuidar da casa, Barbie era jovem, solteira e sem filhos — a primeira boneca adulta da história do brinquedo. Seu sucesso foi imediato e logo ela passou a ter um guarda-roupa completo e aprendeu profissões. Também antecipou a onda das top models quando ganhou vestidos exclusivos de

grifes como Dolce & Gabbana, Calvin Klein e Giorgio Armani. Depois vieram mansão, carro, piscina... e problemas sentimentais: em 2004, ela rompeu um namoro de 43 anos com Ken e passou a ser vista na companhia do boneco Blaine, um surfista australiano. Aos 50 anos, mas com corpinho de 20, a boneca é objeto de desejo de colecionadores no mundo inteiro. Pode não vender tanto quanto antigamente, mas ainda é o sonho de consumo da maioria das meninas — a cada segundo, dois exemplares são vendidos no mundo. **BIANCA NUNES**

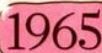
PERSONALIDADES MÚLTIPLAS

Ao longo de sua história, o brinquedo se reinventou diversas vezes



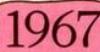
MORENA

Elliot e Ruth Handler, donos da empresa de brinquedos Mattel, encomendam uma boneca ao designer Jack Ryan (1926-1991). Ela é batizada com o nome de uma das filhas do casal. A primeira Barbie vem nas versões loira e morena e mede 29 centímetros. Logo no primeiro ano são vendidos 350 mil exemplares.



ASTRONAUTA

Surgem as primeiras bonecas com pernas dobráveis, uma inovação que passa a ser aplicada a todos os modelos produzidos desde então. Ainda no mesmo ano, ela aparece vestida com uniforme da Nasa.



MODERNINHA

O brinquedo entra na onda do ideal feminino do momento, lançado pela modelo inglesa Twiggy: maquiagem tipo boneca, silhueta fina e roupas indisciplinadas. A Barbie Twiggy tem botas amarelas e vestido curto listrado. E a Mattel já aparece na lista das 500 maiores empresas dos Estados Unidos.

1989

FASHION

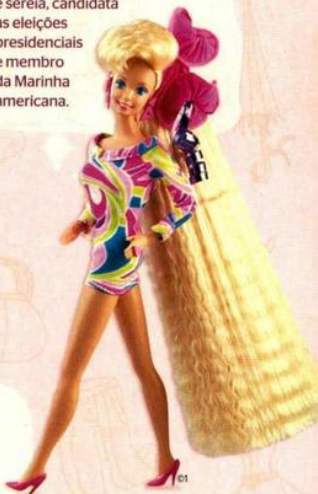
A boneca mais famosa do mundo ganha sala de música, bangalô tropical e jipe de safari. No aniversário de 30 anos, surge uma edição especial com 1200 exemplares. Estilistas famosos, como Versace, criam modelos exclusivos.



1992

CABELUDA

Com cabelos até os calcanhares, a edição de cabelo ultracomprido vende quase 2 milhões de unidades. Nesse ano, ela também é sereia, candidata às eleições presidenciais e membro da Marinha americana.



EXECUTIVA

Com computador, calculadora e cartão de crédito, ela entra no mundo dos negócios usando *tailleur* rosa, bolsa rosa, cachecol rosa. Uma exposição com 600 modelos viaja pela França e por nove cidades americanas. Ao fim da turnê, é apresentado um quadro do artista Andy Warhol em sua homenagem.



1985

1997

MOTOQUEIRA

As vendas batem recorde no mundo: 1 bilhão de exemplares no ano. Os destaques dessa época ficam para a **Barbie Harley-Davidson** e para a coleção Barbie bailarina.



1977

PRODUZIDA

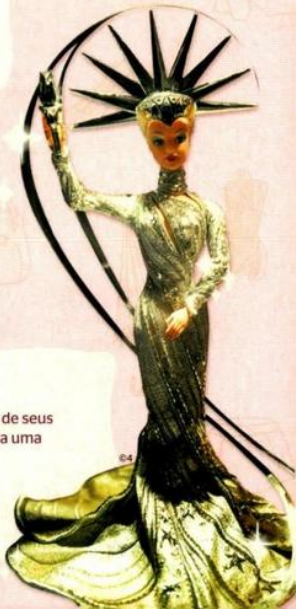
Surge a Barbie SuperStar, com traços mais suaves. No ano anterior, um exemplar da boneca havia sido colocado em uma cápsula a ser aberta em 2076. Foi uma forma de documentar um ideal de mulher do século 20.



2009

ÍCONE

Como parte das celebrações de seus 50 anos de vida, Barbie ganha uma versão comemorativa em homenagem à Estátua de Liberdade. O modelo é apresentado na feira de Basel, na Suíça.



CULINÁRIA Por Flávia Pinho

Alimentos com sabor de Brasil

Conheça o passado dos principais pratos da nossa gastronomia regional

Pegue a flora, junte à fauna e acrescente os temperos de imigrantes e nativos. Não tinha como dar errado a rica culinária brasileira. Basta viajar pelo país para descobrir que cada recanto tem seu prato preferido, aquele apreciado no dia-a-dia, ou ainda o especial servido só em ocasião de festa. Alguns não respeitaram o traçado geográfico e se impuseram pela proximidade da vizinhança. "A cozinha brasileira é sem fronteiras. Muitas receitas tornaram-se típicas de regiões inteiras, não só de um ou outro estado", diz Graziela Milanese, professora de História da Gastronomia da Universidade Anhembi-Morumbi. Confira, a seguir, a origem das delícias mais representativas do Oiapoque ao Chui.

COMIDA É PASTO

A necessidade de cada lugar formou nosso cardápio

PAMPAS

O charque, carne ultrassalgada e curada ao ar livre segundo técnica importada dos países andinos, era importante artigo de comércio entre o Sul e o Norte do país no século 17. Para alimentar quem as transportava, era misturada com arroz, temperos, tomate e pimentão, transformando-se no **arroz de carreteiro**.

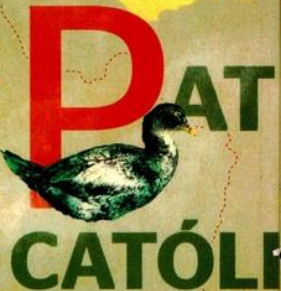
RISOTO GAÚCHO



RORAIMA

PARÁ

O **pato com tucupí** é o prato principal do Cirio de Nazaré, a festa católica considerada o Natal paraense. O ingrediente mais importante é o tucupí, líquido extraído da mandioca brava, que aparece em várias receitas da região. Era vendido, originalmente, nas barracas beneficentes das feiras.



AMAZONAS

ACRE

GOIÁS

O primeiro índio que comeu pequi deve ter se arrependido: o fruto, natural do cerrado, é cheio de espinhos minúsculos. Não por acaso, por séculos ele só servia para fazer sabão. Até que se descobriu um jeitinho de morder a liguaria. Hoje, o **arroz de pequi** é o prato mais famoso da culinária goiana.

ESPINHOS SABOROSOS



PANTANAL

O Pantanal só foi parcialmente desbravado pelos europeus a partir do século 17. Na bagagem, os bandeirantes levavam a mandioca e uma fome de leão, que os fazia comer o que vissem pela frente. No caso, o **caldo de piranha**: peixe bem cozido, com temperos e mandioca ralada.



CALDO CONTRA A FOME



SERTÃO NORDESTINO

Versão menos salgada da carne-seca, a **carne de charque** é curada por menos tempo. Virou símbolo de Nordeste porque o Rio Grande do Norte e o Ceará deram início a sua industrialização. No fim do século 17, era distribuída pelos rios. Originalmente feita de sobras, hoje existe até em versão nobre.

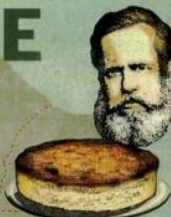
PERNAMBUCO

Patrimônio de Pernambuco, o **bolo Souza Leão** é à base de mandioca, coco e açúcar, muito açúcar. Segundo registros, foi servido pela primeira vez a dom Pedro II (1825-1891). Os pesquisadores acreditam que todas as receitas que aparecem são variações do bolo criado por Rita de Cássia Souza Leão Bezerra Cavalcanti.

ACÚCAR PARA O IMPERADOR



CEARÁ



BAHIA

Em Iorubá, **acarajé** quer dizer "comer fogo". Bolinho de feijão-fradinho frito em dendê de origem africana, surgiu no Brasil colonial, quando as escravas vendiam o quitute em tabuleiros. A renda lá para "fazer o santo", a iniciação no candomblé. É considerada até hoje comida sagrada, ofertada aos orixás.

INTERIOR DO SUDESTE

Comerciantes que cruzavam o país, os tropeiros criaram seu próprio feijão: sem caldo (portanto mais fácil de transportar), misturado à farinha de mandioca. Originalmente paulista, o **feijão tropeiro** é destaque da culinária mineira, região onde a receita foi sabiamente aprimorada.

FEIJÃO PARA VIAGEM

BAHIA



SÃO PAULO

Os mouros faziam o **cuscuz** com arroz ou trigo. No Brasil, a massa passou a ser de milho e ganhou o país. Em São Paulo, ganhou roupa de festa. Provavelmente graças aos portugueses, foi incrementado com palmito, azeitona, sardinha e camarão.



PARANÁ



RIO GRANDE DO SUL

RIO DE JANEIRO

A **feijoada** não surgiu na senzala. O prato foi obra dos portugueses, que colocaram feijão no cozido de carnes, legumes e verduras que comiam. A versão feita com feijão-preto é carioca. No restante do país, também são usados grãos mais claros (e leves).

PRATO LUSITANO

MILHO TURBINADO

CARNE DERRETIDA

PARANÁ

A receita de **barreado**, original dos caboclos, ganhou fama há cerca de 200 anos, durante o entrudo, a versão portuguesa do carnaval. Os foliões saíam às ruas e deixavam a carne cozinhando em panela de barro lacrada. Na volta, estava pronto. Come-se com banana e farinha.

DITO E FEITO

“Responder na bucha”

Planta usada em espingardas inspirou expressão

Dizer algo “na bucha” é dar uma resposta de imediato, sem pestanejar. Bucha é uma planta trepadeira com espécies originárias da Ásia, da África e da América. Mas qual a relação entre a planta e a frase? A explicação está nas espingardas antigas.

A bucha era amassada junto com a pólvora e o chumbo, a fim de manter a carga unida dentro da arma. Se-

gundo o pesquisador Marcelo Duarte no livro *O Guia dos Curiosos – Língua Portuguesa*, “quando a arma era disparada, essa camada às vezes ficava visível”. Assim, quem respondia “na bucha” era aquele que revidava assim que esses resíduos apareciam — ou seja, logo depois do disparo, sem que o adversário tivesse tempo de preparar um novo ataque. **LÍVIA LOMBARDO**

“Ovelha negra”

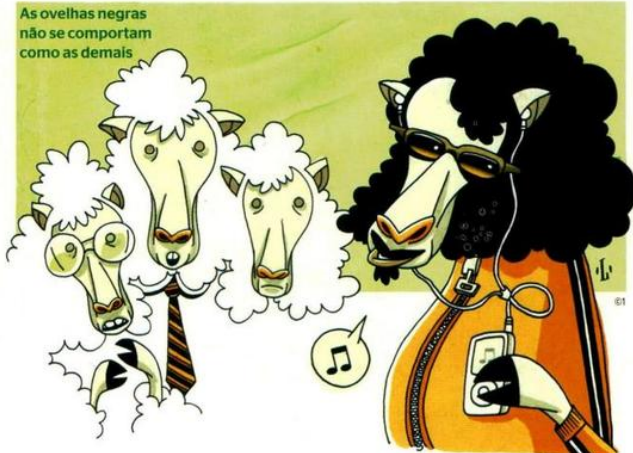
Frase tem o mesmo sentido em diversos idiomas

Essa expressão não é brasileira nem restrita à língua portuguesa. Vários outros idiomas (como o inglês, o alemão, o francês e o espanhol) também a utilizam para designar alguém que destoa de um grupo, assim como uma ovelha da cor preta se diferencia em um rebanho de animais brancos.

As origens da frase são milenares. Na Antiguidade, os animais pretos eram considerados maléficos e, por

isso, sacrificados em oferenda aos deuses ou para acertar acordos. Por exemplo: em um episódio da *Iliada* de Homero, escrita provavelmente no século 9 a.C., há o relato do sacrifício de uma ovelha negra como garantia do pacto celebrado entre Páris e Mene-lau, que resultou na Guerra de Tróia. Surgia assim o hábito de chamar de “ovelha negra” aqueles que se diferenciavam por desagradar e chocar. **L.L.**

As ovelhas negras não se comportam como as demais



HISTÓRIA MALUCA

CORAGEM RELATIVA



Em 1991, o ditador iraquiano Saddam Hussein (1937-2006) sofreu um acidente de carro que feriu seu rosto. Para não parecer fraco, ele se recusou a aparecer na televisão local com curativos; preferiu expor os machucados, fazendo pose de que não estava sentindo dor. Mas, reservadamente, passou várias semanas reclamando para seu médico particular a respeito de um machucado no dedo mindinho.

MUNDO ROSA



Em 1959, Nat King Cole (1919-1965) veio ao Brasil para se apresentar, ao vivo, nos estúdios da TV Record em São Paulo. O cantor americano só fez uma exigência, registrada em contrato: o camarim, incluindo os móveis, tinha que ser pintado de cor-de-rosa. O corredor que levava ao palco também. O gosto pela cor era radical. O empresário Paulo Machado de Carvalho Filho visitou o músico em seu camarim minutos antes do show. Acabou encontrando Nat só de cuecas. E elas eram cor-de-rosa.

O CÓDIGO VICTOR HUGO

Um dos maiores escritores da história da França, Victor Hugo (1802-1885) tinha compulsão por sexo. Até perto de morrer, aos 83 anos, costumava pagar prostitutas e criadas de acordo com o serviço prestado. Para não se esquecer de cada uma das aventuras, mantinha um diário em código. Por exemplo, quando queria contar que uma mulher havia mostrado o seio, escrevia: “Marie osc”.

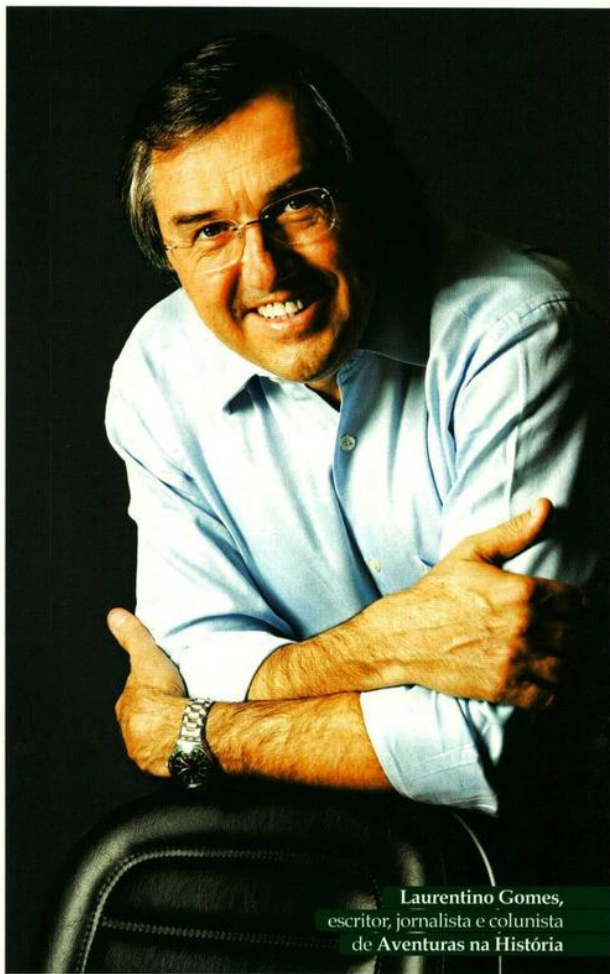
TIAGO CORDEIRO

OLHAR O PASSADO PARA CONSTRUIR O FUTURO

Laurentino Gomes, autor do premiado livro *1808*, fala sobre a importância de entender a própria história para evoluir

“O objetivo da história é iluminar o passado para entender o presente e construir o futuro.

Uma sociedade inculta, incapaz de estudar e analisar sua história, não consegue entender a si própria. E, nesse caso, não está apta a construir o futuro de forma estruturada. Uma visão de curto prazo, que não leva em conta as lições do passado, conduz a soluções igualmente imediatistas. Os problemas brasileiros têm raízes profundas, que às vezes remontam a 200 ou 300 anos atrás. Isso não significa que o Brasil esteja eternamente condenado à corrupção ou a repetir os vícios do passado. Pode evoluir e melhorar, mas antes é preciso entender a origem desses problemas. Nesse quadro, investir em Educação é absolutamente fundamental. Só uma sociedade culta e bem educada consegue entender a própria história – com seus defeitos e suas virtudes.”



Laurentino Gomes,
escritor, jornalista e colunista
de *Aventuras na História*

— Realização: —

O Brasil só melhora com Educação de qualidade
E você tem tudo a ver com isso



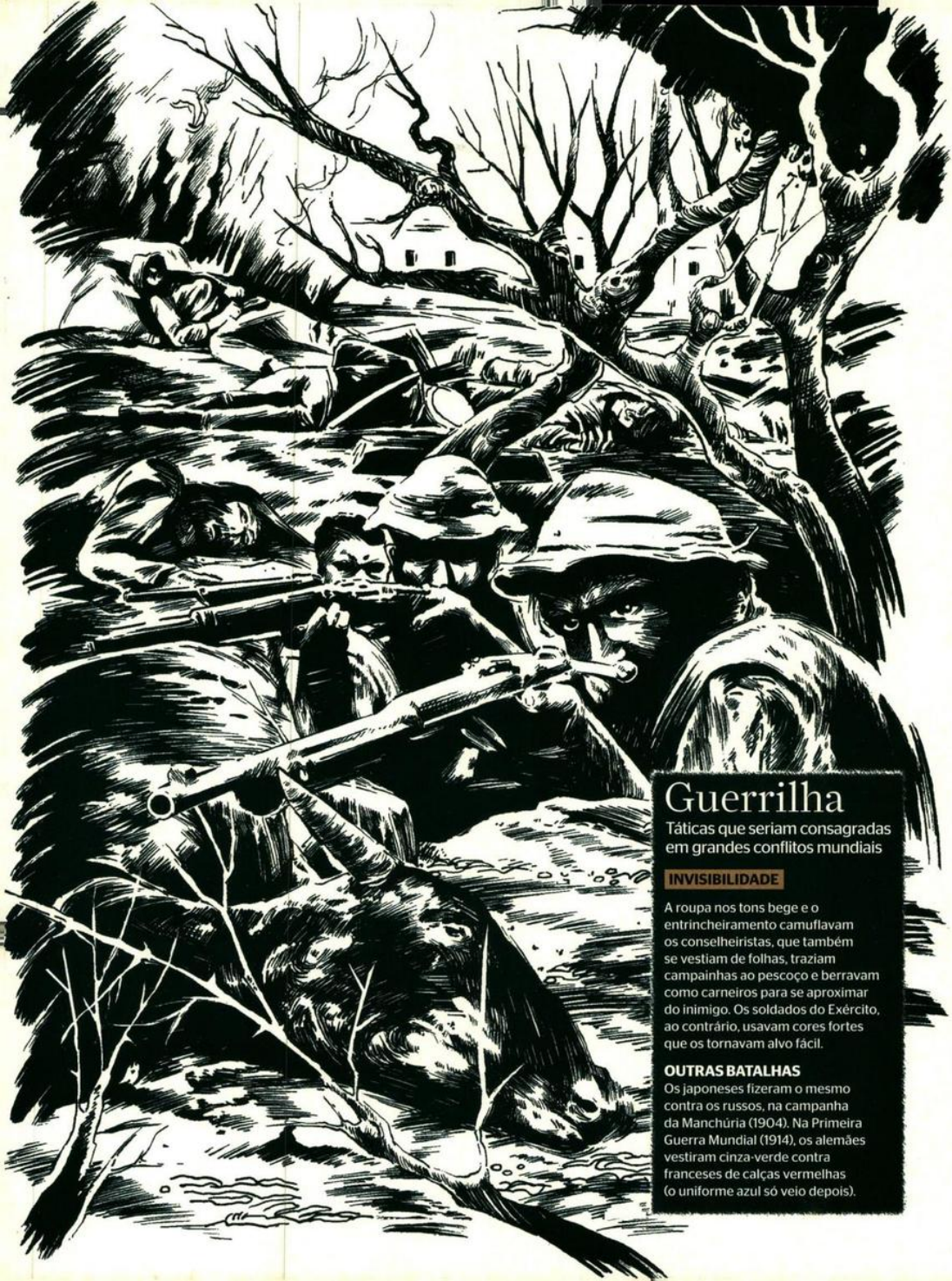
O sertão em pé de guerra

Esta cena lembra o Vietnã? Gaza? Mas é Canudos, a mais sangrenta luta da História do Brasil, quando os homens de Antônio Conselheiro usaram técnicas incríveis de combate para defender uma vida livre dos coronéis

POR Flávia Ribeiro DESIGN Débora Bianchi ILUSTRAÇÕES Farrell CONSULTORIA Fabiano Onça

Cai a tarde no Belo Monte, enquanto dois homens, um velho e uma criança tentam resistir ao cerco dos milhares de soldados do Exército que rugem por entre as vielas estreitas, saqueando casebres, degolando prisioneiros, incendiando túneis e o que sobra do arraial. O céu está vermelho, enfumaçado e quente, o cheiro é horrível e os urubus infestam o ar, efeito da guerra e da seca que racha a terra do sertão baiano. Até que os últimos quatro combatentes são mortos. E é o fim. Canudos foi destruído, mas não se rendeu.

A queda da cidade idealizada por Antônio Conselheiro aconteceu no dia 5 de outubro de 1897. Encerrou o mais sangrento conflito armado de nossa História, que provocou o maior número de baixas: 25 mil mortos, entre 5 mil militares enviados pela República e 20 mil sertanejos. Até derrotar Canudos, o governo foi mais de uma vez humilhado e precisou colocar em campo 12 mil soldados, metade de toda a Força nacional da época. Os quatro últimos sobreviventes são citados por Euclides da Cunha — cujo centenário de morte é comemorado este ano —, que acompanhou o confronto como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* e escreveu, sobre ele, o épico *Os Sertões*. ►



Guerrilha

Táticas que seriam consagradas em grandes conflitos mundiais

INVISIBILIDADE

A roupa nos tons bege e o entrancheiramento camuflavam os conselheiristas, que também se vestiam de folhas, traziam campainhas ao pescoço e berravam como carneiros para se aproximar do inimigo. Os soldados do Exército, ao contrário, usavam cores fortes que os tornavam alvo fácil.

OUTRAS BATALHAS

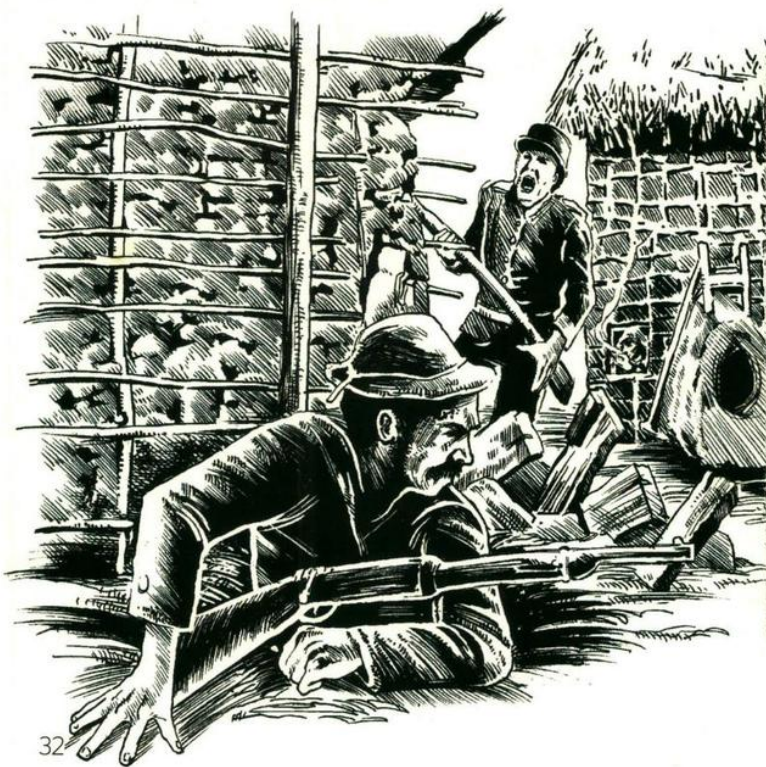
Os japoneses fizeram o mesmo contra os russos, na campanha da Manchúria (1904). Na Primeira Guerra Mundial (1914), os alemães vestiram cinza-verde contra franceses de calças vermelhas (o uniforme azul só veio depois).

► Segundo outros relatos, o velho jagunço foi o último dos quatro a morrer, enfrentando os inimigos apenas com um machado. Era essa a disposição de espírito dos seguidores de Antônio Conselheiro, ao longo dos 11 meses da luta, iniciada no dia 7 de novembro de 1896. Intimamente vinculados à terra que ocupavam, surpreenderam ao adotar táticas de guerrilha, como a camuflagem ou os túneis, que só seriam usadas em grande escala em conflitos bem posteriores, como a Segunda Guerra Mundial ou o Vietnã (*veja os quadros*). A resistência dos sertanejos obrigou o Exército a enviar quatro expedições ao povoado. Registros feitos pelo comando da última delas mostram que, mesmo em grande vantagem numérica e bélica,

foi preciso “estacionar um pouco as operações” durante o confronto, para tomar fôlego: “Os jagunços são combatentes temíveis, com tiros certos, e ninguém deve planejar atacá-los se não tiver a máxima cautela... As balas que choviam de Canudos eram de extraordinária precisão...” O texto está no livro *Canudos — Subsídios para a sua Reavaliação Histórica*, da Fundação Casa de Rui Barbosa, que estima em 10 mil soldados o efetivo total mobilizado nos oito meses que a quarta expedição levou para ter sucesso, contando até com a presença do ministro da Guerra, Carlos Machado Bittencourt, em pleno campo de batalha.

Mas por que o governo atacou Canudos? Por razões políticas, principalmente a insatisfação dos grandes

fazendeiros da região com a fuga de mão-de-obra para o modelo de produção do arraial — coletiva e sem os impostos criados pela República. Formalmente, contudo, a população de Belo Monte simplesmente foi roubada por um comerciante e caiu na armadilha preparada por um juiz desonesto. Em outubro de 1896, Antônio Conselheiro adiantou 1 conto e 200 mil-réis a uma loja em Juazeiro, por uma encomenda de madeira para uma nova igreja. O juiz local era desafeto do beato desde 1893 — quando o líder de Canudos havia promovido uma queima de editais de impostos, na cidade de Bom Conselho — e decidiu aproveitar a oportunidade para atingi-lo. Usou sua influência para que o comerciante não entregasse as



TÚNEIS

Túneis entre as casas e nas extremidades do arraial permitiam circular despercebido e surgir de repente, surpreendendo o inimigo. Os casebres tinham ainda “seteiras” ou aberturas ao rés do chão, para esconder atiradores.

OUTRAS BATALHAS

Cavaram os japoneses, em Iwo Jima, e os russos, em Stalingrado, na Segunda Guerra Mundial; também os vietcongues (1959-1975), contra os EUA; e o Hezbollah, no Líbano, contra o Exército de Israel, em 2006. Os túneis serviram como depósito de armas, para emboscadas ou proteção.



DISFARCE

Com as fardas dos soldados mortos, os homens do Conselheiro se misturavam à tropa para sabotar atividades internas, causando confusão e medo.

OUTRAS BATALHAS

Na Segunda Guerra Mundial, na floresta das Ardenas (Bélgica), alemães com fardas norte-americanas se infiltraram entre os aliados para ajudar no efeito surpresa da ofensiva. Integrantes do grupo de elite israelense Saveret Malkal se disfarçaram de árabe em território inimigo para colher informação.

tábuas, ao mesmo tempo que escrevia ao governador da Bahia, Luís Viana, dando o alerta mentiroso de que, na data marcada pelo beato para pegar a carga de madeira, bandidos de Canudos atacariam a cidade.

Para caçá-los, chegaram a Juazeiro três oficiais e 113 soldados no dia 7 de novembro de 1896 — a primeira expedição militar e o início de uma série constrangedora de derrotas do Exército. A tropa decidiu percorrer os 160 km até Canudos, debaixo de sol forte, sem comida e água suficientes. Duas semanas e 120 km depois, na cidade de Uauá, deu com os sertanejos. A República perdeu dez homens, e os demais bateram em retirada, “por insuficiência numérica, estropiamento, falta de recursos de toda a espécie”,

conforme registro citado pelo estudo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Com a expulsão da tropa, cresceram a fama do beato e a população de Belo Monte. E, cerca de dois meses após a primeira, chegou à Bahia a segunda expedição para dominar os conselheiristas, com cerca de 600 soldados, metralhadoras e dois canhões.

Coisas invisíveis

Ao tentarem um atalho pela estrada do Cambaio para o arraial, os militares foram pegos. Entrincheirados, os sertanejos usavam bacamartes, facões, pedras e se misturavam ao terreno, vestidos de cores cruas e de folhagens. É o que o historiador Frederico Pernambucano de Melo, autor de *A Guerra Total de Canudos*, chama

de “pioneirismo do guerrilheiro sertanejo quanto a uma virtude militar ainda desprezada pelos exércitos do mundo, presos ao traje colorido das guerras napoleônicas”.

Com dez mortos, contra 76 do inimigo, o Exército foi encurralado e se retirou de novo. “Nunca vimos, eu e meus camaradas, tanta ferocidade”, comentou o major Febrônio de Brito, líder da tropa. A partir daí, Canudos ganhou ares de “levante monarquista” na imprensa, e sua conquista virou questão de honra para o governo e para fazendeiros do sertão baiano, pressionados pela crise do açúcar e pela nova economia do café. Em meio a tudo isso, começava a se construir o mito da grande liderança do movimento, Antônio Conselheiro. ▶

► O cearense Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897), ex-comerciante, ex-professor, ex-caixeiro e ex-advogado autodidata, tornou-se Antônio Conselheiro em 1874 e, nos 23 anos seguintes, reuniu devotos peregrinando pelo sertão. Imagina-se que tenham contribuído para a conversão a dor de ter sido traído e abandonado pela mulher e as ideias do padre José Antônio Maria Ibiapina (1806-1883), missionário no Nordeste, embora não se saiba se tenham chegado a se encontrar.

Como ele, Conselheiro se dedicou a construir igrejas e cemitérios pelo sertão, já usando seu camisolão de brim, barbas e cabelos longos. "Vou para onde me chamam os mal-aventurados", disse ao jornalista e escritor João Brígido, autor de *Ceará — Homens e Fatos*, de 1919. Conselheiros, um tipo mais graduado de beato, não eram incomuns na região carente de água,

comida e conforto espiritual. Mas esse foi diferente. Segundo o teólogo Eduardo Hoonart, da Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina, em *Os Anjos de Canudos — Uma Revisão Histórica*, "a partir dessa sua enorme capacidade de sonhar coisas invisíveis e de viver a partir desses sonhos, a figura de Antônio Vicente ganha dimensões de gigante".

Para o historiador Mário Maestri, professor da Universidade de Passo Fundo (RS) e autor, com José Rivair de Macedo, de *Belo Monte: uma História da Guerra de Canudos*, o contexto político do sertão foi o verdadeiro fermento que amplificou o papel do beato. "As circunstâncias da História o transformaram em líder carismático das massas pobres nordestinas. Para os grandes proprietários e o Estado republicano, o Conselheiro era um tresloucado, um místico, um charlatão, um

personagem nefasto que necessitava ser eliminado para que se restaurasse a gestão oligárquica tradicional das massas sertanejas. Canudos significava a inversão da ordem natural, uma sociedade de bárbaros e rústicos fanáticos, pois questionava, na ação, o latifúndio, através do uso útil da terra. E, sobretudo, retirava do controle dos grandes proprietários uma enorme quantidade de mão-de-obra, que passava a viver em sociedade autogerida e consensual." Segundo Marco Antônio Villa, escritor e professor de História da Universidade Federal de São Carlos, "o fim de Canudos representaria, como representou, o retorno do domínio do 'landlord' [senhor feudal], do despotismo senhorial". Ou seja, a vitória do coronelismo.

Pois é nesse contexto que, em 1893, Antônio Conselheiro resolve se fixar em Canudos, nome derivado do ca-



LOGÍSTICA

Ataques a animais de tração, condutores da artilharia e dos carroções de suprimentos. Não havia pressa em assaltar, em seguida, um inimigo assim imobilizado e apavorado no terreno. Também era forma de impedir o avanço do canhão Withworth (a "matadeira").

OUTRAS BATALHAS

O Taleban, no Paquistão (2008/2009), realiza ataques frequentes a comboios: atualmente, mais de 70% dos suprimentos e munições das tropas de ocupação chegam ao Afeganistão pela rota que vai do porto de Karachi (Paquistão) até a cidade de Peshawar.

ATIRADOR DE ELITE

O "tiro de ofensa ao acaso e de enervamento" era dado de longa distância em intermitência regular e incessante, dia e noite. Chegou a causar de dez a 15 baixas em 24 horas e disseminou terror pelo acampamento do Exército. Os conselheiristas também faziam linha de tiro cerrada, o que se tornou comum em todos os conflitos do século 20.

OUTRAS BATALHAS

Quando a URSS invadiu a Finlândia (1939), Simo Häyhä, o "Morte Branca", matou mais de 542 soviéticos em 100 dias e virou o maior atirador de elite da História.



nudo-de-pito, planta usada para fazer cachimbos. O arraial tinha algumas dezenas de casas, uma igreja velha e um cemitério. Ficava na região do Raso da Catarina, sertão da Bahia, no estratégico entroncamento de sete estradas e ao lado do rio Vazabarris. Quatro anos após sua chegada, já eram 5200 casas e 25 mil moradores na comunidade, rebatizada como Belo Monte — a segunda maior cidade da Bahia, perdendo apenas para Salvador.

Mandioca e rapadura

De acordo com Maestri, "o grande diferencial foi o uso útil da terra; a não vigência dos impostos e taxas, a tributação sob a forma de pedido de donativos". No arraial, criavam cabras, cavalos e bois, e plantavam legumes, feijão, milho, mandioca, melancia, melão e cana-de-açúcar. Moravam lá ex-escravos, pequenos agricultores, índios, foragidos da Justiça, comer-

ciantes, segundo Vicente Dobroruka, escritor e professor de História da Universidade de Brasília (UnB).

"Grande era a Canudos do meu tempo. Quem tinha roça tratava da roça na beira do rio. Quem tinha gado tratava do gado. Quem tinha mulher e filhos tratava da mulher e dos filhos. Quem gostava de rezar ia rezar. De tudo se tratava, porque a nenhum pertencia e era de todos, pequenos e grandes, na regra ensinada pelo peregrino", afirmou Honório Vilanova, sobrevivente da guerra, a Nertan Macedo ("Memorial de Vilanova", em *O Cruzeiro*, 1964). Nas palavras de Manuel Ciríaco, antigo morador, "era um pedaço de chão bem-aventurado. Não precisava nem mesmo de chuva. Tinha de tudo. Até rapadura do Cariri."

O barão de Geremoabo, fazendeiro e um dos principais inimigos da comunidade, reclamou em uma carta que "alguns lugares desta comarca e

de outras circunvizinhas, e até do estado de Sergipe, ficaram desabitados, tal o aluvião de famílias que subiam para os Canudos". Para Dobroruka, Antônio Conselheiro oferecia "a não ingerência do Estado, cuja mão não chegava até lá". Até porque o beato era monarquista. Não reconhecia a República, especialmente por ela ter feito a separação entre Igreja e Estado. A República "há de cair por terra para confusão daquele que concebeu tão horrorosa ideia", escreve ele no manuscrito "Prédicas aos Canudenses e um Discurso sobre a República", achado no arraial destruído.

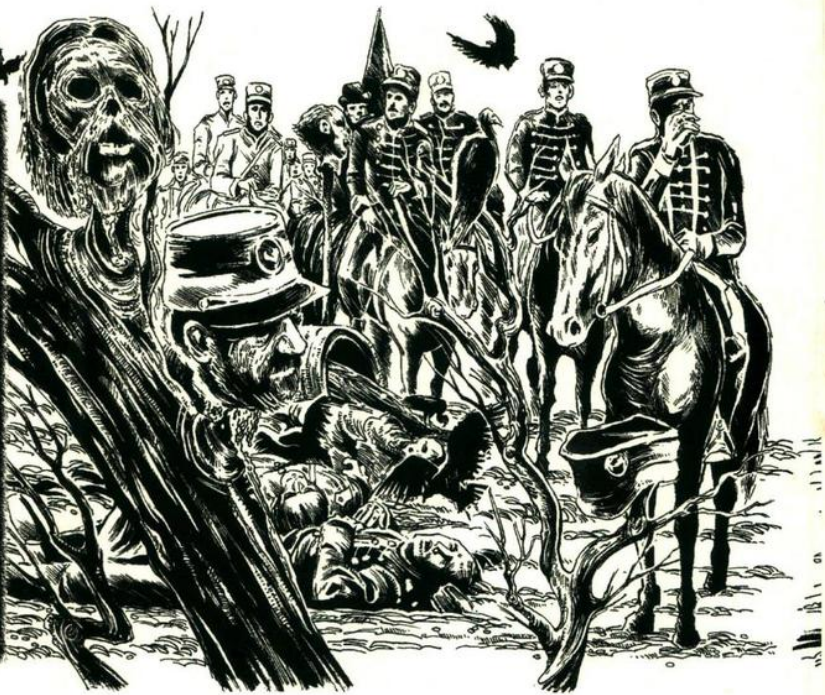
A terceira expedição, menos de três meses depois da segunda, era chefiada pelo coronel Antônio Moreira César, conhecido como Corta-cabeças desde a Revolução Federalista do Rio Grande do Sul (1892-1895). O coronel bravateava: "Só temo que o fanático Antônio Conselheiro não nos espere", ▶

AOS PEDAÇOS

Corpos inteiros ou dilacerados do inimigo eram expostos em pontos salientes das estradas, abatendo o moral da tropa que chegava.

OUTRAS BATALHAS

Na Segunda Guerra Mundial, japoneses e americanos foram à loucura nessa tática. Durante a Batalha de Wake Island (1941), em que as tropas dos EUA se renderam, houve decapitação de *marines*, entre outras atrocidades. Nos anos seguintes, os americanos buscaram vingança: cortar orelhas e pegar dentes era comum — o maior prêmio era levar para casa um crânio japonês.



► escreveu em telegrama ao ministro da Guerra. Tinha certeza de que os sertanejos fugiriam com medo de seus 1300 homens e seis canhões.

Cortar soldados

Foi uma carnificina. No dia 3 de março, os soldados tomaram 28 casas do arraial, mas os conselheiristas revidaram furiosamente e feriram de morte Moreira César. O pânico tomou conta dos militares esfomeados, que fugiram sem comando, deixando pelo caminho cinco oficiais e mais de 200 soldados mortos, munição e armas para o inimigo. A derrota do Corta-cabeças teve tremendo impacto moral para a sociedade republicana. Como sertanejos até então mal armados venceram 1300 militares?

"Pelo conhecimento do terreno, pela defesa da vida comunitária, pelo significado da liderança religiosa do Conselheiro. Havia mais conselhei-

ristas fora de Canudos que no arraial", diz Villa. Admiradores do beato chegavam até de outros estados. "Ao longo das expedições, muita gente vai para Canudos. Muitos se vangloriando: 'a gente vai lá cortar soldados'. Isso porque a ação do Estado, no sertão, é de acoessar cidadãos e aumentar impostos", afirma Dobroruka.

Segundo Maestri, essa integração com o sertão, envolvendo apoios para além do arraial, permitiu a reposição de homens e víveres: "O reduto de Belo Monte foi apenas a capital de uma verdadeira república sertaneja que se constituiu nos sertões do norte da Bahia. As tropas começavam a ser atacadas quando penetravam os territórios livres sertanejos. O domínio sobre esse território e a chegada incessante de caboclos de fora das fronteiras da pequena república para participar da resistência explicam a impressionante saga social e militar."

Os cerca de 10 000 soldados da quarta e última expedição levaram mais de três meses para subjugar Canudos. Mas as colunas do Exército, dessa vez, planejaram o cerco com cuidado. "O erro fundamental das três primeiras expedições foi falta de informação e avaliação equivocada do problema, agravadas pela falta de apoio logístico e por disputas políticas. A quarta expedição estava mais organizada e bem informada", afirma o coronel Luiz Carlos Carneiro, coordenador de cursos de História Militar na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Uni-Rio).

Entre 25 de junho e 5 de outubro de 1897, os combates são renhidos, e há muitas baixas entre os soldados, que sofreram enfrentando um inimigo invisível e aparentemente irredutível. Mas a sorte vira, principalmente depois da destruição, a balas de canhão, da igreja nova do arraial, em 6 de se-



O QG do Conselheiro

Rápidos e inteligentes, os homens fortes do front.

Antônio Conselheiro não pegou em armas. Contou com homens de confiança, que lideraram a guerra no front. Segundo o historiador José Calasans (1915-2001), em *O Estado-Maior de Antônio Conselheiro*, o principal deles foi João Abade, o "chefe do povo" ou "comandante da rua", à frente da Guarda Católica, a tropa de elite do arraial. Foi descrito assim por Euclides da Cunha: "(...) Impetuoso, bravo e forte, de voz retumbante e imperativa; bem vestido sempre. (...) É o executor supremo das ordens do chefe. Castiga a palmatoada na praça, em frente às igrejas, aos que roubam, ou vergasta as mulheres que procedem mal."

Outra figura importante, o ex-soldado Pajeú é citado em *Os Sertões* por sua "bravura inextinguível e ferocidade rara". "Bom de tocaia", como diz Calasans, assumiu o comando após a morte de Abade. "Violento e terrível na batalha, tendo na mão direita a espingarda contra o soldado e na esquerda longo cacete para estimular vigorosamente os jagunços vacilantes na refrega. Bulhento, tempestuoso, mas de costumes simples", diz dele Euclides da Cunha no jornal *O Estado de S. Paulo*. Na mesma crônica, afirma que Macambira, por sua vez, era covarde, mas útil: "Velho rebarbativo e feio; inteligentíssimo e ardiloso. (...) Ninguém, porém, prepara melhor uma cilada; é o espírito infernal da guerra". O filho Joaquim Macambira era valente, e morreu tentando destruir um canhão Krupp 32. Outro soldado, Pedrão sobreviveu ao fim de Canudos. Paraltico, com quase 90 anos, em 1958, declarou a Calasans: "Faz pena um homem como eu morrer sentado".

tembro, e da morte de Antônio Conselheiro, em 22 do mesmo mês, vítima de disenteria e de um ferimento de tiro. No dia seguinte, o golpe decisivo: o Exército fecha a última estrada para Canudos, impedindo a entrada de combatentes e alimentos.

Daí até o 5 de outubro, o arraial agonizou. Foi quando os últimos combatentes foram mortos e as casas, saqueadas. Era o fim da guerra. Encontraram o corpo de Antônio Conselheiro e cortaram sua cabeça, enviada a Salvador para "estudos". Muitos dos sertanejos foram degolados após terem sido presos ou se rendido. Martins Horcade, estudante de Medicina voluntário na quarta expedição, descreveu o que viu entre as ruínas de Belo Monte: "Horror e mais horror, o cúmulo do horror. Só em uma casa encontrei 22 cadáveres já queimados de mulheres, homens e meninos". Depois de tudo, o povoado foi incendiado. E,

durante a ditadura militar, o terreno submergiu sob o açude do Cocorobó, inaugurado em 1969. Antes do incêndio, acharam o manuscrito de Conselheiro, onde se lê: "Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos (...) aceitai a minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança desse peregrino, que aspira ansiosamente a vossa salvação e o bem da Igreja". ●

saiba mais

LIVROS

Os Sertões, Euclides da Cunha, Ateliê, 2001

O autor cobriu a guerra como correspondente de *O Estado de S. Paulo*, e fez, no livro, descrição apaixonada do conflito. *Canudos: o Povo da Terra*, Marco Antônio Villa, Ática, 1999

Acompanha a formação e destruição do povoado.

Canudos – Subsídios para a sua Reavaliação Histórica, vários autores, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986

Levantamento de fontes de pesquisa sobre o tema.

SITES

<http://canudos.portfolium.com.br/>

Acervo virtual com documentos, relatos, fotos e artigos.

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/>

DetalleObraForm.do?select_action=&co_obra=2163

Íntegra de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha

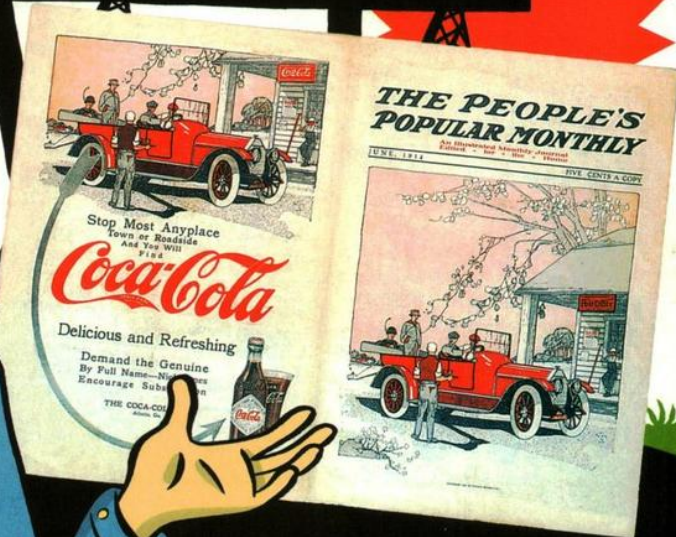
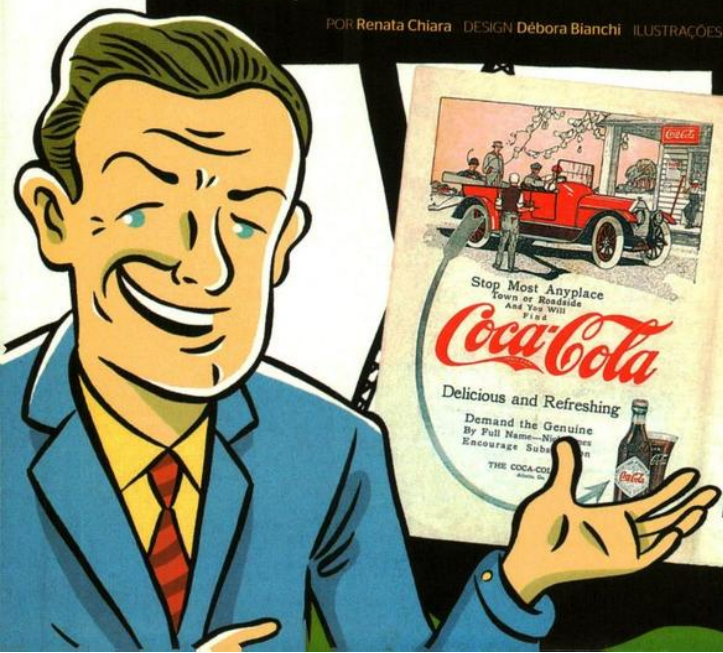
www.educarparacrescer.com.br

OBRA-PRIMA

A arte de vender

Dos arautos medievais aos milionários garotos-propaganda,
a evolução da publicidade contada por campanhas lendárias

POR Renata Chiara · DESIGN Débora Bianchi · ILUSTRAÇÕES Fido Nesti



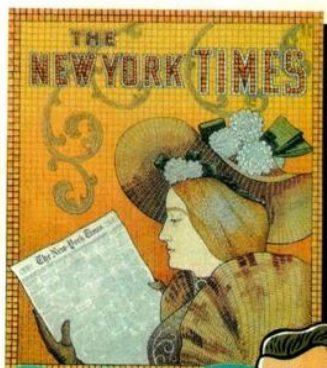
Na Babilônia, quando um sapateiro ou um ferreiro queria oferecer seus serviços, escrevia no muro. Essas pinturas eram feitas por diferentes tipos de profissionais e são os primeiros registros encontrados de publicidade, datados de 3000 a.C. Depois, nos séculos que antecedem a era cristã, vieram os cartazes, pendurados nas praças da Roma antiga, anunciando apartamentos para alugar — uma espécie de antepassado arqueológico do *outdoor*. Já os primeiros garotos-propaganda surgiram na Idade Média: arautos que gritavam notícias da nobreza e também eram pagos para divulgar as ofertas dos mercadores. Durante séculos, a publicidade se manteve assim, rudimentar e com baixíssimo alcance. Um produto ou serviço só conseguia se tornar conhecido por pouco mais de algumas centenas de pessoas. Até o século 15, quando a propaganda deu um salto. A invenção da imprensa, por volta de 1450, multiplicou cartazes e panfletos, ampliando o impacto das mensagens publicitárias. Daí para a frente, o mercado consolidou uma indústria criativa, produtora de símbolos culturais, capaz de induzir comportamentos, ódios, amores e manias.

Para contar essa história, reuniram-se os publicitários franceses Stéphane Pincas e Marc Loiseau, veteranos que passaram a maior parte da sua vida profissional no poderoso conglomerado francês Publicis. No livro *A History of Ad-*

vertising (“Uma história da propaganda”, sem tradução no Brasil), eles apresentam detalhes de campanhas lendárias, para contar a evolução da publicidade no mercado ocidental. Desde os idos de 1633, quando o francês Théophraste Renaudot lançou o semanário *La Gazette de France*, o primeiro a contar com anúncios pagos de forma constante e regular.

Surgidos no século 17, na Europa, os jornais abriram espaço para a propaganda alcançar ainda mais pessoas que os cartazes ou folhetos impressos. Apesar de ter nascido na Europa e provavelmente existido em todas as civilizações antigas, a publicidade ganhou impulso mesmo na Era Industrial, nos Estados Unidos. Com a produção de mercadorias em larga escala, veio a necessidade de educar o público a consumi-las. Surgiram, então, na Europa e nos Estados Unidos do século 19, as primeiras agências de publicidade, ditando uma nova linguagem, pautada no humor, na ironia e no que mais despertasse o interesse dos consumidores. A propaganda virou “a alma do negócio”.

A primeira empresa chamada oficialmente de “agência de publicidade” começou a funcionar em 1841, quando Volney B. Palmer abriu seu escritório na Filadélfia. O ano é um dos marcos do nascimento da publicidade.



PRÉ-FEMINISTA

Art nouveau, propaganda de 1895 ousa na imagem da mulher



AS ARMAS

Em 1917, Tio Sam convoca voluntários para a Primeira Guerra Mundial, no cartaz inspirado em original inglês

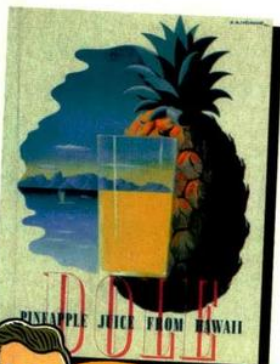


MENINO DE US\$ 1 MILHÃO

Gordon, criado pela N.W. Ayer & Son para a Nabisco, estrela a primeira campanha a atingir esse valor, em 1890

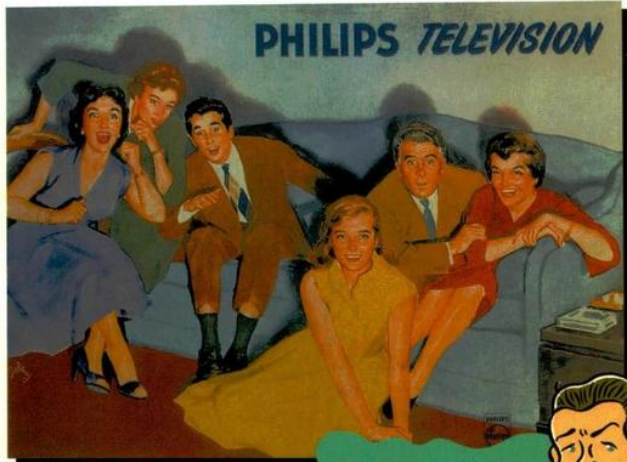
No anúncio da D'Arcy, de 1914, a associação inusitada com a primeira página da revista





REFRESCO NA CRISE

Anos 30: pintura do francês Cassandre troca a tradição realista por imagens simbólicas



TELINHA

Em 1958, Geleng, autor de pôsteres de cinema, ilustra anúncio de TV, para a agência Elvinger



TROCADILHO

Ilustração de Jean Effel, nome ideal para assinar a campanha do lançamento francês da Nestlé, em 1973, pela Publicis



ESCANDALOSO

Pôster de 1959, de Savignac, pintor que defendia o efeito do "escândalo visual"

► moderna, quando bens de consumo começaram a ser vistos como ícones culturais. Os "agentes" contratavam, dos jornais, grandes espaços nas páginas, com desconto. E os revendiam a preços mais altos aos anunciantes, que produziam eles próprios suas propagandas. Esse sistema durou até 1869, quando Francis Ayer, após comprar a Palmer, resolveu mudar o jeito de trabalhar. Ele revendia o espaço

pelo mesmo valor cobrado pelo jornal, mediante uma comissão pré-acordada com o cliente. Nascia o modelo de negócio que até hoje mantém a publicidade rentável. Em pouco tempo, Ayer estava também fazendo pesquisa de mercado e escrevendo os anúncios.

Em 1877, James Walter Thompson abriria aquela que hoje é a mais antiga agência dos Estados Unidos. E levou a sério essa produção, con-

tratando artistas e escritores para o primeiro departamento de criação da História. Por isso, é considerado "o pai da publicidade moderna".

Grão de cacau

Apesar da força dos Estados Unidos ao longo de toda a trajetória da publicidade, muitos de seus momentos importantes estão ligados à Publicis, uma gigante na área de comunicação, fundada em 1926, na França, por Marcel Bleustein-Blanchet. Nos anos 70, a empresa se uniu a agências que já haviam conquistado grande parte do segmento, nos Estados Unidos, e hoje o grupo Publicis é dono de 12 empresas de comunicação, entre elas agências poderosas como a Saatchi & Saatchi e a Leo Burnett. Na cartela de clientes, há marcas como Coca-Cola, American Express, Nestlé e Toyota.

Um dos destaques do livro é a primeira campanha da Coca-Cola, que usava a seta como principal símbolo ("siga a seta"). Apenas no ano de 1915 a garrafa ganhou a forma que a consa-

grou, inspirada na foto de um grão de cacau, publicada na *Enciclopédia Britânica*. O fabricante queria um design tão único que fosse reconhecido até quando a garrafa estivesse aos cacos, quebrada. O resultado foi mais que satisfatório e as garrafas passaram a ter espaço garantido nos anúncios, fazendo do produto um item de primeira necessidade para a família americana e um símbolo do sistema (a "água negra do capitalismo").

Outro episódio descrito pelos autores é o dos cigarros Camel, que, antes da era do politicamente correto, também virariam um ícone cultural graças ao talento de um grupo de publicitários. Em 1913, a pioneira N.W. Ayer & Son foi incumbida de lançar um produto da R.J. Reynolds: uma mistura de tabaco de origem turca e americana. A equipe de criação buscou inspiração na foto do dromedário Ol' Joe, atração de um circo que pas-

sava pela cidade. E a imagem virou o logotipo da marca, estampado até hoje em maços por todo o mundo.

Os tempos eram outros. O American Meat Institute (Instituto Americano da Carne), associação da indústria de embalagem e processamento de produtos à base de carnes, foi, durante anos, um dos maiores orçamentos do mercado publicitário dos Estados Unidos, reunindo muitos criadores de gado. Em 1944, dois funcionários da ▶

SALVE, SIMPATIA

Dos versos de Bilac ao "baixinho", o Brasil criou um estilo bem-humorado e sensual

Escravos e imóveis, ungentos, avisos de leilões, serviços de artesãos, retratistas. Os anúncios impressos e pagos apareceram no Brasil no início do século 19, com o primeiro jornal, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808. Até meados do século, vão acompanhar a expansão da cidade, inspirados pela cultura europeia, ganhando ilustrações e versos. "No fim do século 19, início do 20, escritores e poetas ganhavam grana fazendo propaganda", diz José Roberto Whitaker Penteado, presidente do Instituto Cultural da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Segundo ele, pesquisas recentes revelam que o poeta Olavo Bilac não só escrevia propaganda em verso, mas teria sido dono de sua própria agência. "Consta que ela funcionava na avenida Rio Branco, no Rio, ainda no século 19." Mas esse tratamento lírico seria atropelado, em 1923, pela abordagem "científica" de Claude Hopkins. "É o primeiro a dizer que publicidade não é arte, mas persuasão, e que conceitua a ideia da eficácia", diz Penteado. "Tem a ver com o neo-imperialismo dos Estados Unidos, após a Primeira Guerra Mundial, quando as empresas começam



Recorde da Bombril

a se instalar em vários lugares do mundo, e junto delas, as agências." Chegam ao Brasil a Ayer, a Thompson, a Grant. Entre as primeiras agências brasileiras está a Eclética, fundada em 1914, por João Castaldi e Jocelyn Bennaton, que logo

passaram para Eugênio Leuenroth e Julio Cosi. Nos anos 20, Cosi viajou pelo Brasil, fazendo contatos com os jornais do país e visitando revendedores Ford, para convencê-los a ratearem as despesas com a publicidade local. "Uma viagem incrível para a época", diz Julio Cosi Jr., filho do pioneiro Cosi e ele também responsável por uma virada na propaganda, nos anos 60. A chamada "revolução criativa" eclodiu em Nova York. E Julio Cosi Jr. se jogou no olho do furacão, ao estagiar na agência Doyle Dane Bernbach (DDB). De volta ao Brasil, aplicou as novidades de Bill Bernbach — como o uso da ironia e da sinceridade. Por exemplo, na

campanha criada por Cosi Jr., Dale Puckett e Roberto Duailibi para a Bozzano: "Um dos meus títulos dizia: 'O novo Creme de Barbear Bozzano contém Lantrol. E daí?' (...) Usa

sinceridade com o leitor do anúncio, duvidando do valor, da mania das empresas de anunciarem aditivos, ingredientes milagrosos", escreve Cosi Jr. no livro que está escrevendo sobre sua história. Mas, para ele, o grande propagador das ideias da DDB foi Alex Periscinoto, especialmente nas campanhas da Volkswagen. Os anos 70 marcaram a profissionalização e a chegada da televisão. Destaque da época, de acordo com Penteado, seria a campanha do Bombril. "Foi criada em 1978, quando não havia nenhum produto prioritariamente para mulher anunciado por um homem", diz o publicitário Washington Olivetto. Para Penteado, a publicidade brasileira é cheia de brejeirice, humor e sensualidade. Como se vê, diz ele, nos "mamíferos", da Parmalat, ou no "baixinho", da Kaiser. VERÔNICA COUTO



Mamíferos brasileiros

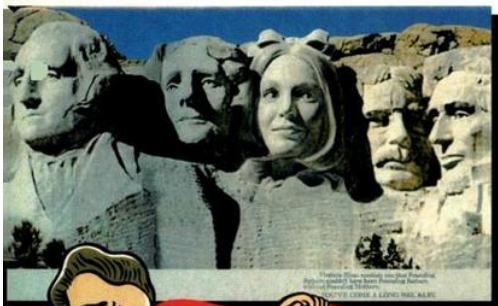


O anti-herói da Kaiser

saiba mais

LIVRO

Propaganda Brasileira, Francisco Gracioso e J. Roberto Whitaker Penteado, Mauro Iann Marketing Editorial, 2004. A publicidade no país desde o século 19 até o 21, passando pela Guerra Fria, a ditadura militar, a redemocratização.



ELAS FUMAM
Philip Morris e Leo Burnett criam, em 68, o cigarro Virginia Slims, para mulheres

► Leo Burnett passaram cinco semanas viajando pelo país, conversando com produtores e consumidores, até chegarem à campanha “Meat”, que valorizava o potencial nutritivo da carne vermelha. Os

anúncios faziam uso dramático da cor vermelha, com fotos de pedaços de carne em tamanho quase natural.

De lá para cá, a publicidade ainda se reinventaria várias vezes, atravessando meios de comunicação de massa como o rádio, a televisão e, mais recentemente, a internet. E o que um dia foi estritamente informativo ganhou abordagem criativa.

Orgulho e vergonha

Nesse sentido, o livro destaca as propagandas criadas para as sopas Campbell's no início dos anos 60, que associavam a marca à ideia de tradição e confiança. E de fato, por décadas, as mães americanas confiavam na sopa como forma econômica e nutritiva de alimentar os filhos. Esse cenário cristalizado de família feliz e bem alimentada inspiraria uma das obras mais famosas da arte pop.

Ao pintá-lo em série, em 1962, o artista nova-iorquino Andy Warhol transformou esse produto essencialmente americano no símbolo da cultura que valoriza tudo aquilo que pode ser encontrado nas prateleiras de um supermercado. Como toda forma de arte, a publicidade acompanhou as tendências políticas de seu tempo. Um capítulo mostra, exatamente, como os publicitários teriam colaborado para a onda de contestação que invadiu o mundo nos

anos 60. Em 1969, a MacManus John & Adams, de Detroit, publicou um anúncio institucional para promover a agência. A ideia era sintetizar o que significava, então, ser americano. Entre outras coisas, o texto dizia: “Eu morri no Vietnã. Mas eu andei na superfície da Lua. Eu construí uma bomba que destrói o mundo. Mas eu a usei para acender uma lâmpada. Eu estou envergonhado. Mas eu estou orgulhoso. Eu sou americano”.

A partir dos anos 80 e 90, nova ruptura, dessa vez na liberdade para falar de sexo, também na propaganda. Em 1990, a agência BBH, de Londres, criou anúncios para os sorvetes Häagen-Dazs — que, apesar do nome europeu, nasceu em Nova York — de conteúdo claramente sensual. Corpos nus, lambuzados de sorvete, apareciam ao lado da mensagem: “Sintame”. Começavam os anos 90.

Para o futuro, o livro sugere pistas. “Num mundo onde cada indivíduo é um provedor de conteúdo, é ingênuo acreditar que marqueteiros vão controlar as marcas”, afirma Pat Fallon, dono da agência que tem seu nome. Na opinião dele, os publicitários não devem resistir, mas se aliar a novas ideias. Se um adolescente cria uma paródia de um comercial famoso e o torna público em sites como o YouTube, talvez seja sinal de uma tendência a ser explorada, em vez de o fim de uma forma de fazer publicidade. E, para profissionais como Fallon, decifrar essas tendências é tarefa, no mínimo, desafiadora. ●



PAZERA

“Bom dia! Sou o Renault 5.”
“Na cidade ou na estrada... eu me chamo Supercarro.” Em 1972, a novidade da Publicis era a ausência de dados técnicos sobre o veículo



ESTILO ESTRANHO

Foto de Guido Mocafio para Hermès, na campanha “Encontros Essenciais”, de 2001, sobre belezas da terra



saiba mais

A OBRA

A History of Advertising, Stéphane Pinças e Marc Loiseau, Taschen, 2008, 26,39 dólares*



*O VALOR NÃO INCLUI FRETE



Você sabia que com pouco esforço é possível ajudar o planeta e o seu bolso?

Ao usarmos a energia elétrica para aparelhos eletrônicos e lâmpadas também emitimos CO₂, um dos principais gases do efeito estufa. Atitudes simples como trocar lâmpadas incandescentes pelas fluorescentes e puxar da tomada os aparelhos que não estão em uso reduzirá a sua conta de luz e as nossas emissões de CO₂ na atmosfera.

CO₂



ideias inovadoras em ambiente,
energia, negócios, urbanismo, consumo,
lixo, desenvolvimento, saúde e educação

VEJA O QUE ESTÁ ACONTECENDO E O QUE VOCÊ PODE FAZER EM www.planetasustentavel.com.br

NO SÉCULO I A.C. OS ROMANOS, SEM RIVAIS NO MEDITERRÂNEO, AVANÇARAM RUMO AO NORTE, PARA A TERRA DOS POVOS CELTAS.

NO VERÃO DE 52 A.C., NA ATUAL BORGONHA, OS ORGULHOSOS GAULESES ENFRENTAVAM UM DESAFIO: RESISTIR AO INVASOR OBEDECENDO A UM ÚNICO LÍDER. VERCIGENTORIX COMANDOU VITÓRIAS INÉDITAS. MAS CÉSAR E SEUS HOMENS ENCURRALARAM OS GAULESES NA FORTIFICADA ALÉSIA.

DAÍ VEIO A SURPRESA: O INIMIGO FOI CERCADO POR 200 MIL CELTAS, QUE VIERAM EM SOCORRO DE SEU COMANDANTE.

O último verão gaulês

POR Alfredo Neto ILUSTRAÇÕES Gil Tokio



O BRADO ÁSPERO DAS TROMBETAS DAS TRIBOS GAULESAS ECOA PELO VALE E AVISA AO INIMIGO, MAIS UMA VEZ, QUE NÃO TEMEMOS A MORTE E QUE REVIDAREMOS À ALTURA QUALQUER SOFRIMENTO.

NOS DOIS ATAQUES ANTERIORES, AS LEGIÕES ROMANAS QUASE FORAM VENCIDAS. SERÁ QUE ESTE NOVO ATAQUE SERÁ CAPAZ DE ROMPER AS DEFESAS DOS INVASORES? ELES JÁ DEVEM ESTAR TÃO EXAURIDOS QUANTO NÓS!

DO ALTO DA COLINA VEJO, SOB O SOL DO MEIO-DIA, OS FILHOS DA GÁLIA SE JOGANDO CONTRA A CARAPAÇA DOS INIMIGOS. MUITOS TOMBAM VÍTIMAS DAS CHUVAS DE PROJÉTEIS QUE CAEM DAS MURALHAS. OU SUCUMBEM ÀS VÁRIAS ARMADILHAS.



DESCOBRIMOS, COM ALEGRIA, O QUE CÉSAR TENTAVA OCULTAR: A MURALHA DE 6 METROS DE ALTURA NÃO ESTÁ COMPLETA. UM GRUPO DE POUCOS, MAS FORTES, CIRCUNDA UMA CAMPINA VIZINHA E ATAÇA AS DEFESAS ROMANAS.



INFLAMADOS PELO ÁLCOOL E PELO URRO DOS COMPANHEIROS, CERCA DE 600 DOS NOSSOS SUPERAM AS PRIMEIRAS BARREIRAS E ABREM UM BURACO NA LINHA ROMANA. NEM TORRES NEM FALÇADAS PODERIAM MAIS CONTER A FÚRIA GAULESA.



Ocupado em segurar as extensas muralhas, o inimigo terá pouco socorro. Nossa surtida deve ser naquela direção!! Juntos bateremos os romanos que ainda restam, como o ferro que é surrado entre o martelo e a bigorna...



NAQUELE INVERNO, NOSSO ÚNICO CONFORTO ERA SABER QUE SERÍAMOS COMANDADOS PELO PRÓPRIO CÉSAR, E QUE ELE, AO LONGO DOS ÚLTIMOS ANOS, TINHA CONHECIDO BEM AS TERRAS ENTRE OS ALPES E A BRETANHA.



ALGO NOS DIZIA QUE AQUELA NÃO ERA UMA REVOLTA QUALQUER. A PRESSA COM QUE CÉSAR PRETENDIA CHEGAR À GÁLIA CÉLTICA E SUA DISCIPLINA FÉRREA NO COMANDO DE NOSSAS COORTES FIZERAM COM QUE REMOVÉSSEMOS, POR DIAS A FIO, MONTES DE NEVE DA ALTURA DE UM HOMEM DAS PASSAGENS ALTAS DOS MONTES CEVENNA.

NOSSA RAPIDEZ NAS MONTANHAS PEGOU OS GAULESES DE SURPRESA. MAS A ESCASSEZ DE ALIMENTOS E AS DIFICULDADES DE CARREGAR A FORRAGEM FAZIAM TUDO MAIS PENOSO.

PRECISÁVAMOS TOMAR CADA VILA DO CAMINHO PARA DEMONSTRAR FORÇA E OBTER COMIDA. OUVIMOS A NOTÍCIA DE QUE OS GAULESES OBEDECIAM A UM SÓ: VERGINETORIX, O ARVERNO.

COVARDE, O INIMIGO FUGIA AO CONFRONTO QUEIMANDO AS CIDADES NO NOSSO TRAJETO.



ONDE ESTAVA A BRAVURA GAULESA? ONDE ESTAVAM SEUS INCONSEQUENTES GUERREIROS?

O INVERNO SEGUIA SEVERO E NOSSOS VÍVERES MINGUAVAM AO AVISTARMOS AVARICUM. ELES JÁ NOS DAVAM POR VENCIDOS. AMARGARAM ESSE TERRÍVEL ENGANO! OS MUROS DA CIDADE NÃO RESISTIRAM À SUPERIORIDADE MILITAR ROMANA E À FOME.



CIVILIZAÇÕES

FUI UM DOS POUCOS A ESCAPAR DE AVARICUM. TODOS OS MEUS IRMÃOS FORAM CHACINADOS, PORQUE OS ROMANOS NÃO QUERIAM O PESO DOS PRISIONEIRO. MEU AVÔ DIZIA SEMPRE QUE A ALIANÇA COM OS ROMANOS, FEITA NA SUA MOCIDADE PARA ENFRENTAR OS GERMÂNICOS, ERA O MESMO QUE TRAZER UM MONSTRO PARA DENTRO DE CASA.



JUNTEI-ME A VERGINGETORIX E VI QUE SUAS PALAVRAS O TORNAVAM MAIS PODEROSO DO QUE SUA ESPADA. ELE MOSTROU-NOS QUE AVARICUM NÃO CAIU POR TRAIÇÃO, MAS POR ORGULHO DOS SEUS HABITANTES, QUE SE RECUSARAM A QUEIMÁ-LA ANTES QUE OS ROMANOS CHEGASSEM.



VERGINGETORIX REPETIA QUE O CONFRONTO DIRETO COM OS ROMANOS DEVA SER EVITADO. TÍNHAMOS APENAS QUE VIGIÁ-LOS E ATORMENTÁ-LOS... ATACAR OS PEQUENOS GRUPOS DE BATEDORES OU DE BUSCA DE COMIDA.



ERA DIFÍCIL CONTER A ÂNSIA DE AVANÇAR SOBRE ELES. NÓS SENTÍAMOS QUE TERÍAMOS FORÇAS SUFICIENTES PARA VENCER. E ERA CONTRA NOSSA NATUREZA ADIAR UMA DECISÃO.



UTILIZAMOS TODOS OS MEIOS PARA QUE NOVAS TRIBOS NOS ACOMPANHASSEM NA LUTA CONTRA OS HOMENS DE CÉSAR. ELOGIOS, PROMESSAS, AMEAÇAS E SUBORNO FIZERAM ANTIGOS ALIADOS DE ROMA MUDAR DE LADO.



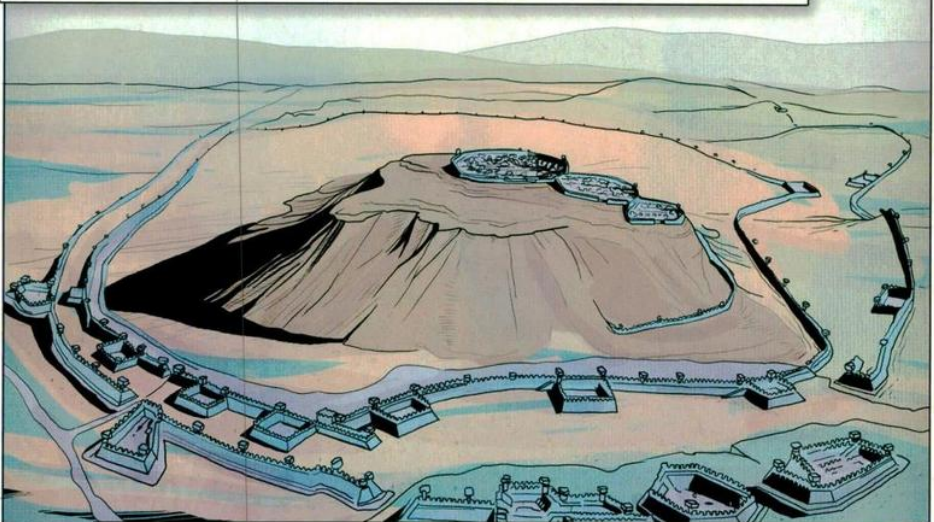
DIA APÓS DIA, OS ROMANOS SE DAVAM CONTA DE QUE SEUS LAÇOS DE AMIZADE ERAM DESAMARRADOS, E QUE UM MAR DE GAULESES ESTAVA PRONTO PARA TRUCIDÁ-LOS, AO MENOR DESCUIDO. FORÇADOS A BUSCAR UMA VITÓRIA RÁPIDA, ATACARAM A PRINCIPAL POVOAÇÃO ARVERNA, GRANDE TOLICE. ERA O QUE ESPERÁVAMOS. DO ALTO DE UMA COLINA PROTEGIDA, GERGÓVIA TRANSBORDAVA DE CORAJOSOS HOMENS ENVIADOS POR NOSSO LÍDER, E ASSIM TINGIMOS AS ENCOSTAS COM O SANGUE ESTRANGEIRO.



A EUFORIA DA VITÓRIA TORNOU NOSSA REAÇÃO LENTA. DEMORAMOS PARA COLOCAR Nossos PODEROSOS CAVALEIROS NO ENCALÇO DOS ROMANOS. QUANDO TENTAMOS PERSEGUI-LOS, JÁ ERA TARDE. O MONSTRO DAS MIL ARTIMANHAS JÁ HAVIA SE ALIADO AOS GERMÂNICOS. PIADA DO DESTINO!



ESSE IMPREVISTO FEZ COM QUE SEGUÍSSEMOS PARA CÁ, UM POVOADO TÃO FORTIFICADO E INATACÁVEL QUANTO GERGÓVIA. MAS SABÍAMOS QUE ELAS NÃO COMETERIAM O MESMO ENGANO. ELAS NOS SITIARIAM E ESPERARIAM! MENSAGEIROS ESCAPARAM AO CERCO PARA AVISAR A TODAS AS TRIBOS QUE O MOMENTO DA LIBERTAÇÃO CHEGARA.



AS SEMANAS PASSAVAM E OS BOSQUES PRÓXIMOS DESAPARECERAM. OS ROMANOS TRABALHAVAM COMO FORMIGAS LEVANTANDO ENORMES PAREDES AO REDOR DE TODA A COLINA. E NOSSA COMIDA SE TORNAVA ESCASSA.

TRINTA NOITES SE PASSARAM. A COMIDA ACABOU. FOI CONVOCADO UM CONSELHO. TODOS REJEITARAM A RENDIÇÃO. MUITOS QUERIAM MORRER PELA MÃO DO INIMIGO ANTES DE SUCUMBIR À FOME. MAS UM VELHO DRUIDA LEMBROU AS GUERRAS EM QUE GAULESES PREFERIAM COMER MORTOS A SE ENTREGAR.



NA MANHÃ SEGUINTE, VI CATUBODUA, O CORVO DA GUERRA, POUSAR SOBRE UM ELMO NO MURO. HAVERIA COMBATE! MAS PARA QUE LADO O TRAIÇOEIRO PÁSSARO VOARIA?

CIVILIZAÇÕES

CRUZANDO OS PORTÕES DA CIDADE RUMO À BATALHA, PODEMOS OUVIR O VELHO DRUIDA NOS INCITAR DO ALTO DA MURALHA DE PEDRA: "SEJAM JAVALIS PELA BRAVURA! SEJAM A PRÓPRIA PONTA DA LANÇA QUE GOLPEIA! SEJAMOS O IRRESISTÍVEL INCÊNDIO QUE AVANÇA SOBRE A FLORESTA!" RUGIMOS EM RESPOSTA E DESCEMOS!



FINALMENTE! CHEGAMOS À CRUA PELEJA! VERCASSIVELLAUNUS, VALENTE PRIMO DE NOSSO LÍDER QUE HAVIA ESCAPADO EM BUSCA DE AJUDA, GUIAVA O GRUPO QUE ATRAVESSAVA AS TRINCHEIRAS. O INIMIGO, SEM SEUS ESQUADRÕES CERRADOS, NÃO ESTARÁ À ALTURA DE NOSSOS BRAVOS GUERREIROS DE BRAÇO MAIS FORTE E ESPADA MAIS LONGA.

OS ROMANOS SOBREVIVENTES DO CHOQUE RECUAM. NÃO COMO PÁSSAROS ASSUSTADOS, MAS COMO UMA BESTA FERIDA QUE COM CAUTELA DEVE SER PERSEGUIDA. NÃO HÁ TEMPO A PERDER, POIS O MONSTRO QUE PARECIA DESPEDAÇADO VOLTA E SE REUNIR NUM SÓ CORPO E NOVO SANGUE PARECE CORRER EM SUAS VEIAS AO VEREM A APROXIMAÇÃO DAQUELA FIGURA DE CAPA VERMELHA.



CÉSARII

SUA PRESENÇA ASSUSTA MUITOS DOS NOSSOS E A RAPIDEZ COM QUE REÚNE E REFORÇA AQUELES QUE VACILAVAM PLANTA UMA DÚVIDA EM NOSSAS MENTES E ESPÍRITOS.

A OUSADIA DO GOLPE FEZ NOSSOS HOMENS SE EMBRENHAREM NAS LINHAS DE DEFESA. O ENTUSIASMO OS TRAIU. TARDE DEMAIS PERCEBEMOS QUE PARTE DA CAVALARIA ESTAVA ÀS SUAS COSTAS. UMA LARGA MATANÇA DA QUAL POUCOS ESCAPAM SE SEGUE...



CAPRICHOSO DESTINO QUE NOS FURTA A VITÓRIA QUANDO ELA ERA TÃO PRÓXIMA! A DECEPÇÃO FAZ O FUROR VIRAR HESITAÇÃO!

JÁ NÃO SE OUVEM TROMBETAS NOS ARREDORES. A QUEDA DOS COMPANHEIROS, QUE ANTES NOS CAUSAVA ÓDIO, TRAZ AGORA O DESESPERO. OS ROMANOS CONTINUAM INCAPAZES DE ASSALTAR A CIDADE.

NÃO ERA PRECISO: A MORTE JÁ POUSAVA EM ALÉSIA.



MANHÃ SEGUINTE

ENTREGUEM-ME AOS ROMANOS E POSSIVELMENTE SERÃO POUPADOS.

ABATIDO, VERGINGETORIX REÚNE OS CHEFES QUE AINDA ESTÃO NA CIDADE E OS POUCOS QUE RETORNARAM DA FRUSTRADA TENTATIVA DE ROMPIMENTO DO CERCO. SEM DEIXAR QUE O INTERROMPAM, DIZ QUE ACEITOU A LIDERANÇA NÃO POR FOME DE PODER, MAS PELA LIBERAÇÃO DE TODOS OS GAULESES.

POUCOS ALÉM DOS DRUIDAS PERCEBEM QUE A RENDIÇÃO DO LÍDER PODERIA SER PIOR QUE O MASSACRE. SÓ ELE FOI CAPAZ DE UNIR TANTAS TRIBOS, SUPERANDO AS RIVALIDADES, PARA EXPULSAR O MONSTRO. MAS MUITOS CHEFES TEMIAM QUE SUA INTENÇÃO FOSSE SE TORNAR REI SOBRE OS DEMAIS E PREFERIAM REFAZER OS LAÇOS COM ROMA.



EM SILÊNCIO, TODOS O OLHAM. MUITOS NUNCA O TINHAM VISTO. EM MOMENTO ALGUM ELE DESVIA A ATENÇÃO PARA O CORREDOR DE LANÇAS QUE SE ESTREITA. O HOMEM APEIA, JOGA AS ARMAS NO CHÃO E ESTENDE AS MÃOS NUAS.

O ÚLTIMO GRANDE INIMIGO É AGRILHOADO, UM TROFÉU QUE SIMBOLIZA TODA A GÁLIA ENTREGUE A CÉSAR.



GALERIA



A cineasta de Hitler

Leni Riefenstahl inventou técnicas cinematográficas e produziu imagens com efeitos espetaculares. Além de talentosa, era linda.

Nada disso bastou para libertá-la da sombra nazista



POR Bruno Vieira Feijó DESIGN Michele Kanashiro ILUSTRAÇÃO Murilo Maciel

No dia 1º de agosto de 1936, eram abertos na Alemanha os XI Jogos Olímpicos da história moderna. Pela primeira vez, a recém-inaugurada televisão transmitia para aparelhos instalados em prédios públicos de Berlim a espetacular cerimônia. Fascinado, o povo alemão viu e ouviu, ao vivo, um orgulhoso Adolf Hitler recebendo do grego Spyridon Louis (campeão da maratona de Atenas, em 1896) um ramo de oliveira colhido nos montes de Olímpia, ao som de 100 mil vozes bradando “Heil, Hitler! Heil, Fuerher!” Todas as cenas da cerimônia foram registradas em 400 quilômetros de filme pela cineasta alemã Leni Riefenstahl.

A cobertura do evento foi uma encomenda do Comitê Olímpico Internacional, mas teve, claro, a mão de Adolf Hitler, presidente do país-sede dos jogos. Foi dele a pala-

vra final sobre quem seria a responsável pelas imagens que terminaram se tornando um poderoso instrumento de propaganda a favor do regime nazista. Numa época de tecnologias cinematográficas incipientes, Leni soube tirar proveito da megaestrutura colocada à sua disposição. Ela inventou novas formas de olhar pela câmera, revolucionando as imagens de um jeito a que até hoje assistimos na televisão ou no fotojornalismo esportivo.

Os contornos épicos dados ao evento não se limitaram à abertura dos jogos. Seis meses antes, Leni já estava dirigindo os técnicos que cobririam as provas realizadas na piscina. Como a tecnologia ainda não permitia captar imagens ao nível da água, Leni teve a ideia de construir plataformas especiais nas bordas para os operadores de câmera, que também eram posicionados com o atleta nos saltos de trampolim e dentro da água (veja na *pág. seguinte*). ▶

Bem antes da grua, elevadores para panorâmicas da multidão, alinhada geometricamente



► Nas provas de corrida, ela também inovou ao mandar cavar buracos e instalar trilhos para poder captar imagens à altura do chão. E equipou de câmeras corretores que acompanharam os atletas. Os planos ousados — focados no esforço e tensão dos competidores — e a fotografia única de Leni geraram imagens consideradas por especialistas uma aula de estética e de hipervalorização do corpo, com efeitos obtidos a partir de closes muito próximos ou de enquadramentos de baixo para cima, que davam aos atletas aspecto de estátuas gregas.

“É a glorificação da perfeição física que até hoje se irradia na propaganda, no design moderno, nos editoriais de moda. Se retirarmos a influência de

Leni, provavelmente ainda estaríamos no século 19, do ponto de vista visual”, diz Vicente Amorim, cineasta brasileiro que, em 2008, dirigiu o longa-metragem *Um Homem Bom*.

Triunfo da propaganda

A aproximação de Leni com Hitler aconteceu em 1932, quando ela dirigiu seu primeiro filme, *A Luz Azul*, juntamente com o húngaro Bela Balázs, um dos críticos mais influentes nos anos 30 e 40. Abordava a história de uma jovem montanhesa, representada pela própria diretora, em busca de uma pedra que projetava luminosidade singular. Antes disso, ela havia atuado como atriz em seis películas do alemão Arnold Fanck, especialista

em filmes de montanha, que impressionaram muito a artista. Rodados em penhascos e em meio a avalanches, há quem diga que veio daí “o culto à monumentalidade” de Leni.

Mas foi Balázs quem apresentou a ela *O Couraçado Potemkin*, obra-prima do russo Sergei Eisenstein, famoso por suas teses sobre a montagem dialética, que dizem que as sensações de um filme podem ser construídas. Conversando sobre essas teorias com Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazista, Leni caiu rapidamente no gosto do chanceler da Alemanha, que, dizem as más línguas, sempre teve uma quedinha por ela — questionada, a diretora afirmou que, para Hitler, fez apenas documentários.

RECEITA PARA FAZER VOAR

Muitas câmeras para seguir o mergulho

Em 1932, houve uma tentativa de filmar os Jogos Olímpicos de Los Angeles. Mas eram poucas câmeras e para poucas modalidades. Em 1936, nos jogos de Berlim, Leni Riefenstahl produz um documentário com uma superestrutura de produção. A imagem dos mergulhadores no ar virou um marco para a foto esportiva. Operadores trocavam lentes embaixo da água para acompanhar a parte final dos saltos, criando uma sequência sem pausas, do início ao fim das provas. Hans Ertl, fotógrafo-chefe, criou uma câmera subaquática e uma plataforma de apoio para filmar ao nível da superfície. Leni subverteu o ponto de vista clássico “de plateia”, em troca de ângulos inesperados.

DO TRAMPOLIM

Saltos filmados em plongée (de cima para baixo) e de baixo para cima, do trampolim, dão impressão de voo. De uma plataforma ao nível da água, a câmera pega a hora do mergulho.



DO CÉU

Um dirigível levava uma câmera automática, com objetivas de até 600 mm, o limite máximo da época. O resultado eram panorâmicas aéreas do evento e do mergulho.

DENTRO D'ÁGUA

Equipamentos à prova d'água filmam o fim do mergulho. Diferentes lentes captam detalhes do músculo, da respiração e da expressão dos atletas.



Carrinho e trilhos para acompanhar cenas de movimentos rápidos

É que documentários. Depois do inexpressivo *Vitória da Fé*, de 1933, sobre o quinto congresso do partido nazista, ela foi convencida por Hitler a produzir um longa-metragem sobre o sexto congresso. Foi sua obra-prima e sua condenação. O encontro partidário, marcado para setembro de 1934, em Nuremberg, transformou-se no filme *O Triunfo da Vontade*, extraordinária peça de propaganda. A logística de produção foi apoteótica para a época: mais de 100 técnicos e 30 câmeras. Segundo a própria Leni, no documentário *The Wonderful Horrible Life of Leni Riefenstahl* ("A maravilhosa vida horrível de Leni Riefenstahl"), de Ray Müller, feito em 1993, Hitler queria "um filme feito por um artista, e não por um diretor de partido".

Para sua realização, ela desenvolveu truques e artifícios até então inéditos. Por exemplo, um elevador construído e encaixado entre os mastros das enormes bandeiras do partido permitiu mover a câmera da esquerda para a direita e de cima para baixo, e fazer longos travellings (quando a câmera se desloca de forma contínua). Outro recurso, diz André Piero Gatti,

pesquisador do Centro Cultural São Paulo e professor de História do Cinema na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), foram "câmeras muito próximas (close-ups) que tornaram agigantados objetos simples e contribuíram para a distorção da escala, para a captação em imagens de uma espécie de místico poder absoluto, escondendo atrás de uma beleza plástica a podridão de um regime".

Para o filósofo Paul Virilio, no livro *Guerra e Cinema*, "o evento foi organizado de maneira espetacular, não somente do ponto de vista de uma reunião popular, mas de modo a fornecer material para um filme de propaganda". Tudo foi determinado em função da câmera: os rostos voltados para o mesmo lugar, os braços levantados em cumprimento nazista, as ruas apinhadas de gente, que se fundem em um grande corpo, o conceito-chave da unidade alemã.

Dois anos depois é que veio o documentário *Olympia*, que fez dos jogos uma celebração do corpo e do Terceiro Reich. Leni era linda, talentosa e mulher, numa área dominada por homens. Mas foi a cineasta de Hitler,

E a vinculação ao nazismo a perseguiu para sempre. Até a morte, aos 101 anos, em 2003, ela afirmou desconhecer os crimes cometidos por seus patrocinadores.

No fim da Segunda Guerra, a cineasta foi presa por quatro anos. Solta, tentou filmar, mas foi hostilizada pela opinião pública. Trabalhou então como fotógrafa. Nos anos 70, lançou dois livros sobre os nubes, tribo do Sudão com quem passou seis meses nos anos 60, fotografando obsessivamente. Esse material forma o que os críticos consideram seu mais importante ensaio. Cobriu os Jogos Olímpicos de Munique (1972) para a revista *Time* e fotografou celebrações, como Mick Jagger. Nos anos 80, mergulhou no silêncio da fotografia submarina, que resultou no filme *Impressões Subaquáticas* (2002). ●

saiba mais

LIVRO

Leni - The Life and Work of Leni Riefenstahl, Steven Bach, Knopf, 2007
Biografia que explora as fronteiras éticas entre arte, beleza e verdade, muito crítica às escolhas feitas pela cineasta.

SITE

<http://leni-riefenstahl.de/eng/>
Fotos, informações sobre a artista, críticas e dados técnicos.

A grande família

Como os banqueiros Medici transformaram Florença, uma das mais tradicionais repúblicas da Itália, em seu domínio pessoal — e ajudaram a criar o esplendor do Renascimento

POR Reinaldo José Lopes DESIGN Fabio Otubo CALIGRAFIA Andrea Branco

Em 1434, o banqueiro quarentão Cosimo de Medici fez uma entrada exuberante em Florença. Queria mostrar que estava de volta à sua cidade, motivo de infortúnio para seus inimigos, que seriam banidos. Começava ali o principado dos Medici, a grande família burguesa, patrona das artes e das letras, que comandou Florença e depois a Toscana até 1737, com breves intervalos. Cosimo havia passado um ano exilado em Veneza, acusado de tentar instaurar um governo tirânico. Mas a maioria ignorava essas suspeitas, porque as ruas ficaram lotadas de gente festejando seu retorno. “Raramente um cidadão voltando em triunfo de uma vitória foi recebido por seu país com tantas demonstrações de júbilo. Todos o saudavam como benfeitor do povo e Pai da Pátria”, escreveu Nicolau Maquiavel, político e intelectual florentino.

Homenagem aos patronos da arte que colocou o ser humano no centro do universo



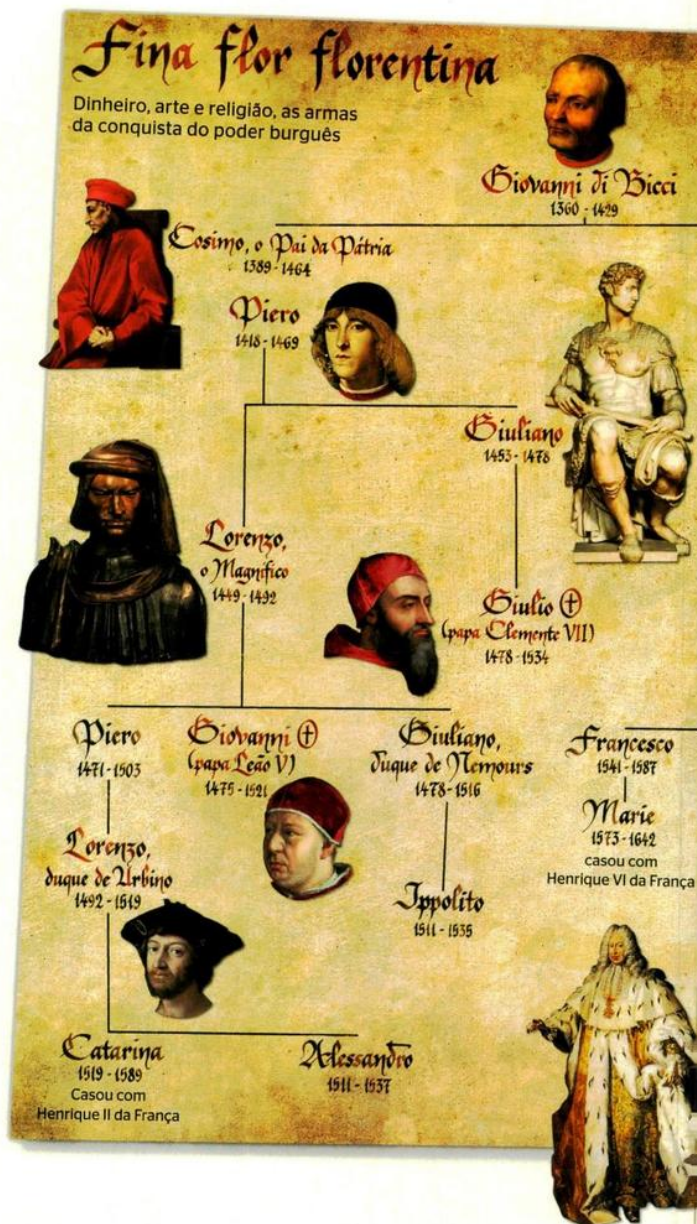


► Maquiável, que chegou a ser preso e torturado a mando dos descendentes de Cosimo, antes de se dedicar a escrever sobre o banqueiro, sabia perfeitamente que aquela recepção calorosa tinha marcado o começo do fim para o governo republicano em Florença. Devagarzinho, usando seus vastos recursos financeiros para apadrinhar a classe média nascente e se aliar aos poderosos, dentro e fora da Itália, os Medici deixaram de ser homens de negócios e viraram uma dinastia.

As outras grandes famílias de Florença até espernearam, voltando a expulsar os netos de Cosimo da cidade mais de uma vez. Mas só adiaram o inevitável: o domínio dos Medici durou quase 300 anos e moldou boa parte da Itália renascentista. De certo modo, os Medici fundaram a primeira grande instituição financeira multinacional do planeta e foram um bocado hábeis em usar o poder econômico para mandar e desmandar na política, na arte e até na religião. Um modelo que, afinal, está na base de quase todos os Estados modernos do Ocidente.

Por baixo dos panos

Embora pioneiros nesse tipo de articulação política e ideológica, os Medici não foram um caso isolado na Itália do Renascimento. "O fenômeno, na verdade, é comum nessa época. O que diferencia os Medici talvez seja o método relativamente não-violento de ascensão ao poder, através do qual eles foram erodindo, de forma muito lenta e contínua, as instituições republicanas de Florença", avalia o historiador Manfredi Piccolomini, professor da Universidade



† papa

Lorenzo
1394 - 1440

Pierfrancesco
1431 - 1471

Giovanni
1467 - 1514

Giovanni delle
Bande Nere
1498 - 1526

Cosimo I
1519 - 1574



Ferdinando I
1549 - 1609

Cosimo II
1590 - 1621

Ferdinando II
1610 - 1670

Cosimo III
1642 - 1723

Gian Gastone Anna Maria
1671 - 1737 Ludovica
1667 - 1743

da Cidade de Nova York e diretor do Medici Archive Project, que estuda a documentação deixada pela família, boa parte inédita. De certa maneira, Cosimo e companhia começaram como “zebras” da política florentina. A família, originalmente ligada à fabricação e ao comércio de tecidos, não era nem a mais rica nem a mais influente de Florença. Alguns dos Medici caíram na besteira de apoiar, no fim do século 14, a chamada Revolta dos Ciompi, cujo objetivo era dar direitos políticos aos que trabalhavam na manufatura da lã. A revolta foi suprimida, mas o envolvimento provocou o isolamento da família das relações de poder na cidade por décadas.

Nessa época, segundo Piccolomini, as repúblicas italianas tinham um regime baseado nos chamados *checks and balances* (restrições e contrapesos). “É uma herança da tradição política romana, cujo principal objetivo é impedir que qualquer pessoa obtenha o poder supremo”, diz. O mando era loteado entre os membros das guildas, corporações profissionais que reuniam banqueiros, negociantes, donos de manufaturas e artesãos, afirma Rita de Cássia Biason, professora de Ciência Política da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Franca.

Em tese, todo integrante de guilda com mais de 30 anos e sem dívidas podia ser eleito, por sorteio, para cargos públicos como a *signoria*, principal magistratura, com nove vagas. Mas só um quarto dos postos era ocupado pelas guildas menores, da classe média baixa. Ou seja, na prática, o regime era uma oligarquia comandada pelos ricos.

Nesse sistema, até formar partidos políticos era proibido.

Abertamente, os Medici não se arriscavam a traçar alianças, mas, por baixo dos panos, Giovanni di Bicci, pai de Cosimo, usou o banco recém-fundado da família para forjar uma rede internacional de contatos. E também casou seus parentes de ambos os sexos com membros de famílias mais pobres, mas poderosas. Cosimo continuou a política, oferecendo empréstimos para cidadãos endividados, de forma que, quando fossem eleitos, apoiassem os interesses dos Medici. “Era uma rede informal, mas muito eficaz, de clientelismo”, escreve o historiador britânico J.R. Hale em *Florence and the Medici* (“Florença e os Medici”, inédito no Brasil).

A reação não tardou. Famílias aristocráticas conseguiram engendrar o exílio de Cosimo, mas o tiro saiu pela culatra, porque elas também tentaram um expurgo dos aliados do banqueiro que revoltou a população. A insatisfação dos florentinos abriu caminho para o retorno triunfal de Cosimo. Oficialmente, pouca coisa mudou na república, mas o banqueiro virou a eminência parda por trás de quase todas as decisões governamentais, além de ser responsável pela política externa.

Nesse ponto, o banco foi um instrumento importante, diz Biason. “O relacionamento com outros Estados europeus se construiu por meio das casas bancárias nos principais centros comerciais do continente: Londres, Nápoles, Colônia, Genebra, Lion, Roma, Avignon, Bruges, Antuérpia, Veneza, entre outras.” Os Medici davam um jeitinho de ter ▶

► pessoas favoráveis a seus interesses no governo, manipulando os nomes que eram colocados nas *borse*, os sacos de onde eram sorteados os ocupantes dos cargos públicos.

Arte e ganância

A aprovação pública era tão grande que ninguém se opôs, quando esse poder de influência na cidade passou para o filho de Cosimo, Piero (que viveu apenas mais cinco anos após a morte do pai), e, logo depois, para Lorenzo, neto do Pai da Pátria. Atualmente conhecido como “o Magnífico”, Lorenzo levou ao auge a primeira fase do governo dos Medici em Florença, em 1469. Culto, interessado em filosofia, poesia e nas demais artes, ele também era um diplomata nato. Trouxe os melhores artistas da época para Florença e fortaleceu a economia local. Piccolomini diz que descobertas recentes nos arquivos mostram as boas relações da família, nessa época, com a comunidade judaica. “Eles atraíram ativamente comerciantes e banqueiros judeus para Florença.”

Mas casa de ferro, espeto de pau. A fortuna dos banqueiros Medici tinha se tornado tão lendária na Europa

que todo mundo esperava os gastos mais extravagantes deles — inclusive os aliados de Florença, que adquiriram a mania de contrair (e não pagar) empréstimos, a fundo perdido. Para não perder prestígio, Lorenzo manteve a ganância. O banco acabou falindo e desaparecendo em 1494, dois anos depois da morte do Magnífico.

A aristocracia de Florença finalmente se cansou de ser manipulada pela família e tentou assassinar Lorenzo e seu irmão Giuliano, em 1478. O segundo morreu, e o primeiro sobreviveu para reprimir com violência os rebeldes. Mas, assim que Piero, filho do Magnífico, assumiu o poder, os inimigos aproveitaram um descuido seu — uma desastrada negociação territorial com a França — para declarar um novo exílio da *famiglia*, em 1494.

Nossa pessoa

A coisa não ia ficar assim, porém. Um filho de Lorenzo e um filho de Giuliano eram cardeais e começaram a mover o vasto arsenal de dinheiro e aliados da Igreja renascentista contra a república restaurada, representada pela velha aristocracia das guildas e, em menor proporção, da classe mé-

dia. Em 1512, Florença foi derrotada por um exército papal e teve de aceitar Giovanni, o filho do Magnífico, como chefe de Estado informal. Um ano depois, ele foi eleito papa Leão X.

De repente, tanto os Estados papais quanto Florença tinham se tornado um feudo dos Medici, se não no papel, ao menos de fato. “Ser papa era estar à frente de um dos Estados mais fortes da Itália. Fonte de mais poder e também instrumento de manutenção da condição de senhores de Florença”, afirma Carlo Gabriel Pancera, professor de Filosofia Política da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Por isso, o domínio dos Medici parecia assegurado quando Giulio, o outro cardeal da dinastia, tornou-se o papa Clemente VII.

Uma última chance para os republicanos de Florença veio em 1527. A quebra da aliança entre o papa e o comandante do Sacro Império Romano-Germânico, Carlos V, levou à captura e ao saque de Roma pelas forças imperiais. Mas a situação não durou muito, e Alessandro, bisneto do Magnífico, foi empossado como duque de Florença — a primeira vez

Longa é a arte, tão breve a vida

O Renascimento foi o legado mais duradouro desses banqueiros

Todos os ícones da arte do Renascimento — Donatello, Fra Angelico, Michelangelo, Leonardo da Vinci, Botticelli, Rafael, além de cientistas como Galileu Galilei e Evangelista Torricelli (dois dos pais da Física moderna) — foram, em algum momento da vida, favorecidos pelo momento dos Medici. Só essa lista já seria ampla o suficiente, levando-nos do começo do século 15 ao fim do século 16, uma das fases mais extraordinárias da história da arte. Seja em Florença, como governantes, seja em Roma, como papas, os Medici encomendaram obras

de importância vital para a cultura do Ocidente. “É claro que, em parte, esse apoio às artes era uma forma de exibir poder econômico. Mas também uma maneira de mostrar que, com os Medici, Florença abandonava totalmente o passado e se voltava para um futuro brilhante”, afirma o especialista italiano Manfredi Piccolomini. Alguns, aliás, eram artistas de talento, como Lorenzo, o Magnífico, considerado excelente poeta, e Leão X, músico. O Magnífico foi um dos fundadores da Academia Platônica de Florença, grupo de estudos que incluía até refugiados

de Constantinopla, então recém-conquistada pelos turcos. O próprio Nicolau Maquiavel, antes inimigo político da *famiglia*, buscou a atenção dos Medici. O livro *O Príncipe* é dedicado a Lorenzo, neto do Magnífico.

Tumba de Lorenzo, duque de Urbino, por Michelangelo



Igreja no Bolso

Os papas da família fizeram política, mas cometeram erros

A decisão de Lorenzo, o Magnífico, de fazer seu filho Giovanni (o do meio) cardeal, alçado ao posto de papa Leão X, em 1513, alinhou a Igreja no combate às forças que se opunham aos Medici, em Florença. E fez da Igreja uma vocação política na família. Mas a passagem dos Medici pelo papado foi marcada por dois desastres: a rebelião do monge alemão Martinho Lutero contra o catolicismo e a transformação da Inglaterra num país protestante. "Muita gente criticou Leão X por participar de um baile de máscaras em Roma, enquanto Lutero explicava sua posição contra o papado diante do imperador Carlos V, em 1521", escreve J.R. Hale em seu livro *Florence and the Medici*. O papa excomungou Lutero, mas não deteve a Reforma. Noutro erro grave de avaliação, deu ao rei inglês Henrique VIII, o mesmo que iria romper com a Igreja Católica, o título de Defensor da Fé, porque o monarca escreveu um livro atacando Lutero. Pois foi Clemente VII, o segundo Medici a virar papa, que recusou a anulação do casamento do rei — que criou, então, a Igreja da Inglaterra. A carreira dos Medici no papado chegou a um fim melancólico no século 17, com a eleição de Leão XI. O "papa lampo", ou papa-relâmpago, morreu apenas um mês depois de indicado ao posto.



Papa Leão X (ao centro) e Giulio, futuro Clemente VII (à esq.): oposição de Lutero e Henrique VIII

que o domínio da cidade pela *famiglia* era associado a um título de nobreza. Assassinado, o duque não deixou herdeiros legítimos, mas um obscuro Medici também chamado Cosimo, descendente do irmão do Cosimo "Pai da Pátria", imediatamente tomou seu posto no governo (como Cosimo I). Uma vez no poder, revelou-se durão e excelente administrador, conquistando a cidade de Siena e unificando toda a região em torno de Florença no chamado Grão-Ducado da Toscana.

Cosimo I não tinha a menor paciência para os vestígios republicanos

que ainda resistiam em seu domínio. Discutindo o esboço de uma pintura que retratava a captura de Siena, observou ao pintor Giorgio Vasari: "Os conselheiros que você colocou em torno de nossa pessoa [*destaque para o plural majestático*], quando você representa nossas deliberações sobre o ataque a Siena, não são em nada necessários, uma vez que tomamos todas essas decisões sozinhos. Você pode preencher o lugar deles com personagens representando o Silêncio e outras Virtudes". O estilo autoritário deu tão certo que os Medici só perderam o po-

der, em Florença e na Toscana, quando morreu o último membro da dinastia, Gian Gastone, em 1737. O que sobrou da *famiglia*? As obras de arte financiadas por seu dinheiro e seu gênio, que ainda fazem de Florença uma das cidades mais belas da Europa. ●

saiba mais

LIVROS

Florence and the Medici, J.R. Hale, Sterling USA, 2001
Clássico sobre a família e a cidade de Florença, que dá destaque às transformações políticas e sociais trazidas pelo governo da dinastia.
Abrirei Sangrento: Florença e o Comploto contra os Medici, Lauro Martines, Imago, 2003
A tentativa de assassinar Lorenzo de Medici e a perseguição política que se seguiu ao ataque.

LANÇAMENTOS

Uma cidade de sobreviventes

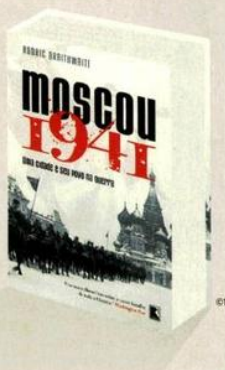
MOSCOU 1941

Rodric Braithwaite, Record, 501 págs., R\$ 65

De outubro de 1941 a janeiro de 1942, 7 milhões de militares lutaram pela posse de Moscou. O Exército alemão cercou a cidade e a atacou por ar, mas foi repellido. A história dessa batalha já foi contada diversas vezes, mas o diplomata britânico está mais interessado na população civil. Com base em diários, memórias, entrevistas e cartas, o autor resgata histórias impressionantes de enfermeiras, trabalhadores, artistas e estudantes de Moscou que sentiram na pele o drama de ver o Exército Vermelho colocar bombas nos principais prédios da capital, para que nada sobresse em caso de derrota soviética. TIAGO CORDEIRO

LEIA UM TRECHO:

"O Teatro Stanislavski inaugurou uma nova temporada com uma apresentação da opereta *Os Sinos de Corneville*. O espetáculo começou à 1 da tarde, quando geralmente havia uma pausa nos ataques alemães. A sala estava lotada. (...) Na metade da apresentação, Tumanov, o diretor artístico do teatro, abriu caminho até o coro do palco para informar à plateia que estava acontecendo um ataque e que todos deveriam dirigir-se ao abrigo mais próximo, no metrô. Suas palavras foram ignoradas. Ninguém se levantou dos assentos. Espectadores gritaram: 'Continuem com o espetáculo', 'Não temos medo'".



Acidente vermelho

UMA EXECUÇÃO COMUM

Marc Dugain, Record, 400 págs., R\$ 40,00

O desastre ocorrido em 2000 com o submarino russo Kursk inspira este livro de ficção. Além de narrar a história da Rússia dos últimos 50 anos, o autor sugere que o incidente é consequência da política controlada por interesses paralelos e corrupção. No romance, o personagem Vânia Altman é um dos 118 tripulantes que agonizam no mar de Barents, enquanto o presidente Vladimir Plotov elabora explicações para as causas do acidente. FRED LINARDI



Concórdia adiada

O RETORNO DA HISTÓRIA E O FIM DOS SONHOS

Robert Kagan, Rocco, 120 págs., R\$ 21,50

Com o término da Guerra Fria e o colapso do bloco liderado pela antiga União Soviética, a partir dos últimos anos da década de 1980, parecia que o mundo enfim iria ingressar em uma era de paz e concórdia. Porém, várias nações passaram a disputar por hegemonia, ainda que regional. Além disso, ressurgiram velhos conflitos étnicos e religiosos. Esse panorama internacional é analisado pelo historiador americano. SERGIO AMARAL SILVA.



Leitura do presente

O MITO DO COLAPSO DO PODER AMERICANO

José Luis Fiori, Carlos Medeiros, Franklin Serrano, Record, 280 págs., R\$ 39

O crescimento acelerado da China e da Índia, a volta da Rússia ao cenário político internacional e o ressurgimento da Alemanha unificada levam muitos futurólogos a prever uma crise definitiva no império dos Estados Unidos. Em três artigos, os especialistas refutam essa tese e fazem uma análise do cenário político e econômico dos últimos dez anos. T.C.



Análise das ditaduras

ARQUEOLOGIA DA REPRESSÃO E DA RESISTÊNCIA

Pedro Paulo Funari, Andrés Zarankin e José Albertoni, Annablume, 215 págs., R\$ 30

Pode a arqueologia, em geral associada a fatos antigos, analisar as sociedades contemporâneas? A fim de responder afirmativamente à pergunta, três especialistas organizaram uma coletânea de artigos que discutem, a partir de pesquisas arqueológicas, os regimes de exceção que dominaram a América Latina entre as décadas de 1960 e 1980. S.A.S.



História naval

GUERRA NO MAR

Armando Vidigal e Francisco Eduardo Alves de Almeida, Record, 546 págs., R\$ 65

Este trabalho é resultado de uma empreitada ambiciosa: um almirante e um comandante brasileiros convocaram sete professores universitários e sete oficiais da Marinha para escrever sobre as mais importantes lutas navais da História. Começando pela batalha de Salamina, em 480 a.C., e terminando na guerra pela posse das ilhas Malvinas, em 1982, a obra destrincha 15 diferentes conflitos. T.C.



Relato singelo

O DIÁRIO DE BERNARDINA

Bernardina Botelho de Magalhães, Zahar, 120 pgs, R\$ 29

Benjamin Constant (1836-1891) era um tenente-coronel que ensinava matemática. Em poucos dias, tornou-se crucial para a proclamação da República. Uma moça de 16 anos viu tudo isso de perto. Bernardina, filha de Benjamin, manteve um diário. O texto, singelo, tem frases como: "Vieram de madrugada alguns oficiais para irem com papai ao quartel-general, pois recebavam que o movimento para república rebentasse hoje".

T.C.



O país de dom João

DICIONÁRIO DO BRASIL JOANINO

Ronaldo Vainfas e Lúcia Bastos Pereira (org.), Objetiva, 476 pgs, R\$ 89,90

Ainda como parte das comemorações do bicentenário da vinda da corte portuguesa, este livro traça um painel da permanência de dom João VI (1767-1826) no país. O dicionário inclui, além de biografias das principais personagens e análise de temas da época, aspectos pouco focalizados pela bibliografia tradicional, como os conflitos envolvendo índios, que tiveram a intervenção do então príncipe regente, dom Pedro.

S.A.S.



Feiticeiro da Bahia

DOMINGOS SODRÉ, UM SACERDOTE AFRICANO

João José Reis, Companhia das Letras, 464 pgs, R\$ 58

O historiador e professor da Universidade Federal da Bahia retrata a vida de um ex-escravo alforriado, praticante de candomblé e perseguido pela polícia da cidade de Salvador por ser acusado de feitiçaria, na segunda metade do século 19. Ao retratar um personagem quase anônimo, Reis procura nas pessoas comuns os testemunhos mais autênticos de uma época.

S.A.S.



Ritos modernos

MITO E TRANSFORMAÇÃO

Joseph Campbell, Ágora, 208 pgs, R\$ 44,90

Mais uma vez, o autor, muito conhecido no Brasil, une história, mitologia e psicologia para explicar a vida cotidiana contemporânea. Este livro é uma coletânea de aulas, palestras e artigos inéditos sobre a necessidade de ritos e a importância da figura do herói na sociedade moderna. Com texto acessível, ele elucida questões complexas, como as diferenças entre religião e mitologia.

F.L.



Rainha do Nilo

NEFERTITI

Michelle Moran, Suma de Letras, 416 pgs, R\$ 44,90

A escritora reúne informações comprovadas por pesquisas, complementadas com suas próprias deduções a respeito dessa personalidade. Tendo governado o Egito com o marido, o faraó Amenófis, a célebre Nefertiti teve um papel importante na revolução que transformou aquele império em monoteísta. Teria caído em desgraça por causa de intrigas políticas que, na visão de Moran, envolveram sua irmã Mutnodjmet.

S.A.S.

BIBLIOTECA BÁSICA

Por Emmanoel Bassolei*

LIVROS PARA SABOREAR

Três obras que contam os mais de 10 mil anos da história da gastronomia



* Emmanoel Bassolei é o chef do restaurante Skye, em São Paulo

ESCOFFIER, O REI DOS CHEFS

Kenneth James, Senac (2008)
Auguste Escoffier (1846-1935) é considerado o primeiro grande chef moderno do Ocidente. No início do século 20, ele modificou o conceito da gastronomia dos restaurantes e hotéis. O livro conta também a história de suas receitas, que são preparadas até hoje.

LAROUSSE GASTRONOMIQUE

Vários autores, Larousse (2001)
É simplesmente a bíblia da gastronomia, o livro que todos os gourmets, gulosos, amadores e chefs precisam ter na prateleira de sua cozinha, ao alcance das mãos. A edição brasileira tem 5 volumes. A original está disponível em francês.

LA GASTRONOMIE DA LA PREHISTOIRE A NOS JOURS

Maria Luisa Migliari e Alida Azzola, Atlas (1983)
Esse "A gastronomia da Pré-História até hoje" (sem edição em português) conta histórias que colocam a gastronomia (surgida pelo menos 10 mil anos antes de Cristo) como a arte mais antiga do mundo.

EXPOSIÇÃO

Nas asas de Santos Dumont



Piloto de 14-bis em um simulador de voo, contornar a torre Eiffel através de animações e conferir em projeções tridimensionais as maquetes dos projetos concebidos por Santos Dumont são alguns dos atrativos da mostra "Santos=Dumont Designer", no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo. Sediado em um casarão histórico, o museu é um espaço dedicado ao design, à arquitetura

e a toda sorte de empreitadas que tiveram início em um pedaço de papel e que resultaram em projetos palpáveis ou até mesmo dirigíveis. O jardim da casa reproduz o Campo de Bagatelle, em Paris, com demonstrações animadas dos testes de voos dos aviões.

Santos=Dumont Designer

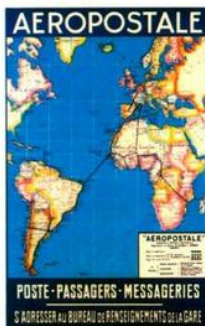
Até 3 de maio, na av. Faria Lima, 2705, São Paulo, SP

Voo sobre o oceano

O Ano da França no Brasil terá comemoração especial no Centro Cultural dos Correios, no Rio de Janeiro. A exposição, que significa Memória do Aeropostal, conta a história da primeira linha aérea a atravessar o oceano, na intenção de agilizar os correios. Os testes, as negociações e os voos pioneiros sobre a cordilheira dos Andes podem ser conferidos em cartas, imagens e documentos de época, além de curiosidades como as escalas de Saint-Exupéry por Florianópolis, que lhe renderam o apelido de Zé Perri.

Mémoire d'Aéropostale

Até 2 de maio,
rua Visconde de Itaboraí, 20



Nossa democracia



**Conquista feminista:
a alegria de votar
pela primeira vez**

Exposição remonta a história da democracia brasileira através dos diferentes processos eleitorais, do pelouro — bolas de cera com fendas — à urna eletrônica. Com pesquisa e textos do historiador Jorge Caldeira, documentos iconográficos traçam uma linha do tempo da nossa democracia.

Exposição permanente,
no Centro Cultural da Justiça
Eleitoral, rua Primeiro de Março, 42,
Rio de Janeiro, RJ

TV

HISTÓRIA ARGENTINA

Os nove anos de governo de Juan Domingo Perón representaram importantes mudanças e retrocessos na política argentina. Documentário destaca a aliança do presidente com os sindicatos, a reforma

constitucional, a figura de Eva Perón, os conflitos com a Igreja e as ações militares que deflagraram sua queda, em 1955.



Anos Peronistas

Estreia: 21 de abril,
às 20h, na TV Cultura

DERROTA ASTECA

Série de documentários narra a derrota do império asteca para Hernán Cortés, no olhar dos indígenas, 500 anos depois. Os episódios revisitam momentos como o encontro de Moctezuma e Cortés, a última cartada de Cuauhtémoc para salvar Tenochtitlán (atual Cidade do México), o massacre e a escravidão dos mexicas. **Visión de los Vencidos**

Estreia: TV Brasil, terças-feiras,
às 19h30

CINEMA

O dono do mundo

Uma conversa entre pai e filho sobre beisebol, família e política internacional seria prosaica se os personagens não fossem Bush pai e Bush filho, respectivamente o 41º e o 43º presidente dos Estados Unidos. "Você tem que nocautear Hussein", adverte o filho, interpretado por Josh Brolin, no mesmo tom com que comenta as jogadas do Texas Rangers. A cena se passa na década de 90 e faz parte de *W*, o mais recente filme de Oliver Stone, diretor de *The Doors*, *JFK* e *As Torres Gêmeas*. Biografia realista de George W. Bush, o filme retrata a trajetória do ex-presidente, da juventude alcoólatra à Casa Branca. É provocativo e moderado, sem constranger republicanos nem desapontar o resto.

W

Direção: Oliver Stone
Estreia prevista: abril



SITE

ATLAS ANCESTRAL

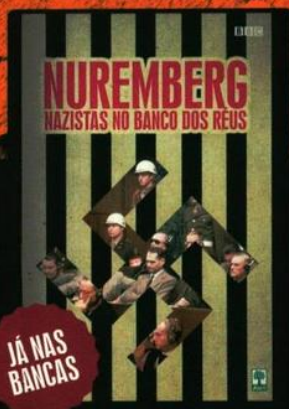
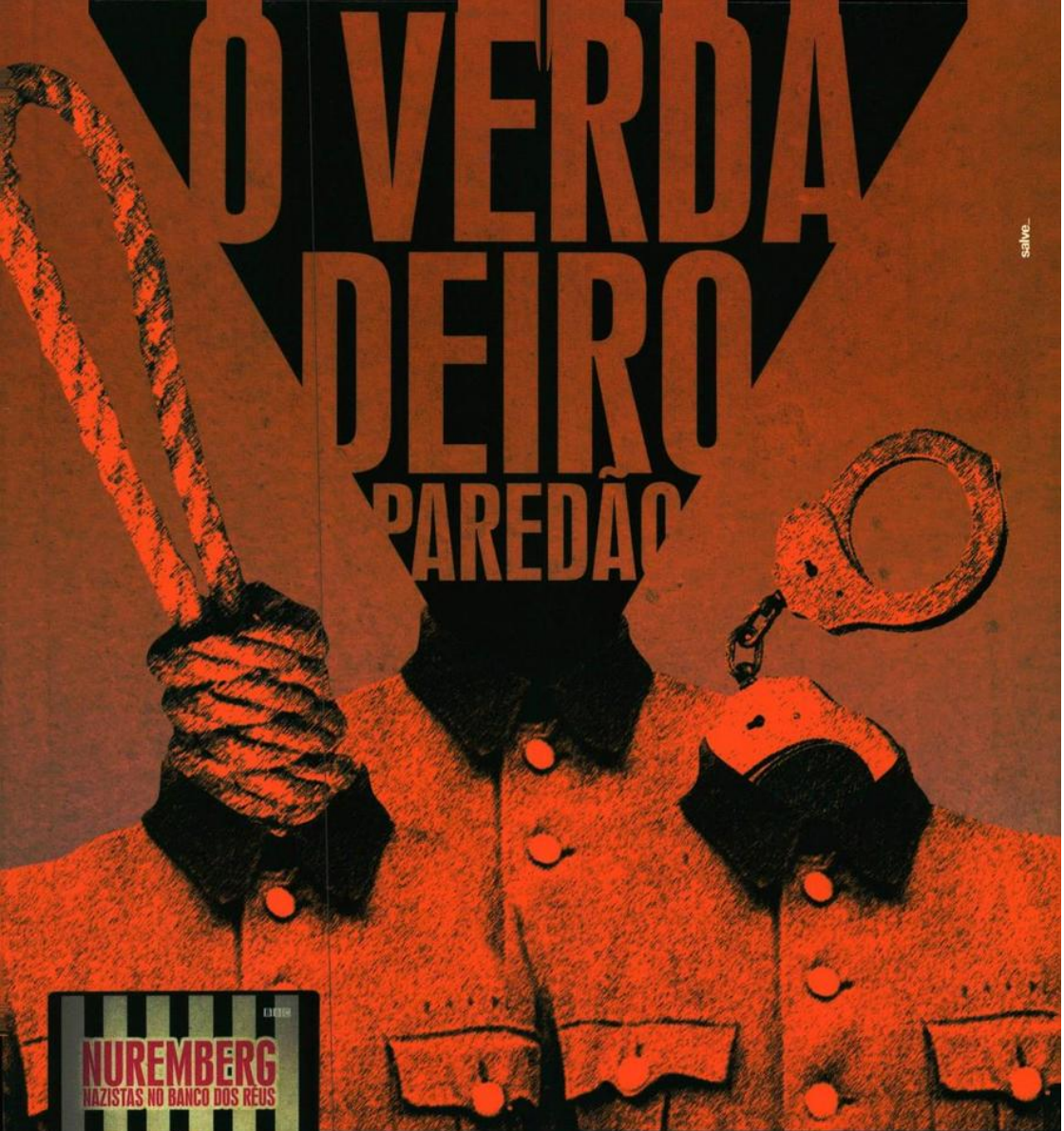
O Atlas Digital da Terra Sagrada é uma espécie de buscador de informação arqueológica e histórica, que abrange dados, informações e mapas, num período que começa há 2 milhões de anos e avança até o século 20. A área do atlas é delimitada: Oriente Médio. <http://gaialab.asu.edu/DAHL/>

DVD

JESUS NEO-REALISTA

Fiel ao texto evangélico, **O Messias** é uma das obras-primas do diretor Roberto Rossellini, o mesmo de *Roma*, *Cidade Aberta*. Jesus é retratado com o realismo característico do diretor. Gravado em uma região da Tunísia em que, na década de 70, as pessoas viviam como há 2 mil anos, o filme aproveitou os próprios habitantes no elenco secundário. **O Messias**
Direção: Roberto Rossellini
Lançamento em DVD





ASSISTA AO MAIOR JULGAMENTO DO SÉCULO 20.

Sessenta anos após o Tribunal de Crimes de Guerra de Nuremberg, este DVD de 174 minutos de duração combina narração e cenas dramatizadas para revelar as mentes dos mais cruéis líderes nazistas. Com uma extensa pesquisa de arquivos em toda a Europa e Estados Unidos, a série reúne documentos inéditos e traz os criminosos de guerra de volta à vida, seguindo-os desde suas capturas até suas sentenças finais.

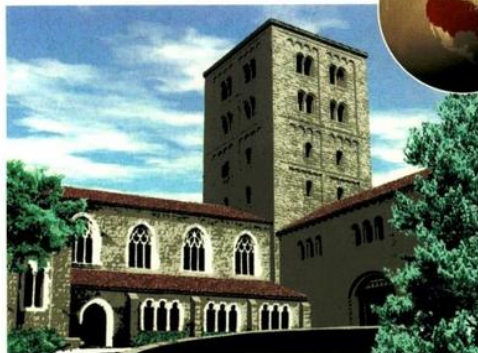
AVENTURAS NA
HISTORIA

The Cloisters

Museu de Nova York proporciona viagem à Idade Média

Instalado discretamente no Fort Tryon Park, uma área verde no norte de Manhattan, o museu The Cloisters passa incógnito para muitos turistas que visitam Nova York. Trata-se, na verdade, do braço medieval do Metropolitan Museum of Art, o Met, este sim famoso. A instituição surgiu em 1916, quando John Rockefeller Jr. (1874-1960) comprou um estúdio com a coleção do artista George Barnard (1863-1938). O nome The Cloisters se refere aos claustros desmontados de cinco mosteiros europeus e reerguidos em Nova York. O resultado é criticado por quem acha que as construções deveriam ter ficado no velho continente. O que ninguém discute é que a visita ao museu é um ótimo passeio. **RENATA CHIARA**

site oficial: www.metmuseum.org/Works_of_Art/the_cloisters



ATRÁVES DA JANELA

A maioria dos vitrais do museu foi minuciosamente restaurada. Em alguns casos, um único exemplar tomou vários anos de trabalho. Além de desfrutar o valor artístico das peças, o visitante ainda tem a agradável surpresa de ver, através delas, a paisagem do rio Hudson.

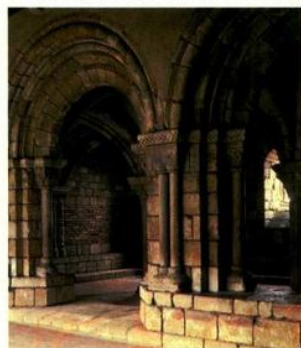
INDOMÁVEL

Na Idade Média, o unicórnio representava um animal indomável. Em alguns textos católicos, sua captura e sua morte eram associadas à paixão de Cristo. O museu abriga seis tapeçarias do fim do século 15, que mostram a prisão de um unicórnio. As manchas vermelhas seriam suco de romã, uma fruta que simbolizava fertilidade.



ESPAÇO RECONSTRUÍDO

Na Sala do Capítulo, os monges se reuniam para discutir assuntos da congregação e ler a *Bíblia*. Na Idade Média, esses espaços



costumavam ficar fora do claustro. A Sala do Capítulo da Abadia de Nossa Senhora de Pontaut, no Sul da França, foi abandonada após a Revolução Francesa de 1789 e chegou a ser usada como um estábulo. Os arcos e bancos estavam em péssimo estado de conservação quando foram adquiridos pelo The Cloisters, em 1935.



VIRGEM ENTRONADA

Entre os trabalhos de mármore, destaca-se parte de um painel em alto-relevo que adornava uma tumba na Igreja de Sant'Eustorgio, na cidade italiana de Milão. Acredita-se que peça, que sobreviveu intacta por quase 700 anos, tenha sido a

parte direita de um tríptico em homenagem à Virgem Entronada, que estaria no centro. Na imagem preservada, São Pedro Dominicano ampara três fiéis ajoelhados.



À MODA HOLANDESA

O Tríptico da Anunciação foi uma encomenda do comerciante holandês Jan Engelbrecht ao belga Robert Campin. Como Engelbrecht significa "trazido pelo anjo", Campin situou em um ambiente holandês a cena bíblica na qual o anjo Gabriel anuncia a gravidez da Virgem. O comerciante e sua esposa aparecem na parte esquerda.

RECANTO ESPIRITUAL

O claustro central foi trazido da abadia de monges beneditinos de São Miguel de Culxá, situado ao pé do monte Canigou, no sudoeste da França. Construídos no século 12, os arcos trazem figuras de animais e plantas que destoam dos padrões de arte monástica, sempre muito severa. A beleza e o silêncio fazem dele o espaço ideal para meditar, como faziam os ocupantes originais.



GANGUE DA FLORESTA

A coleção de vasos e canecas pintadas a mão não é tão vasta como em outros museus, porém é muito rica. Chama atenção um copo de prata, em tons de azul, do século 15. O desenho ilustra uma lenda medieval a respeito de um vendedor ambulante que é assaltado na floresta por uma gangue de macacos. O objeto pertenceu a vários colecionadores antes de ser incorporado ao acervo, em 1952.

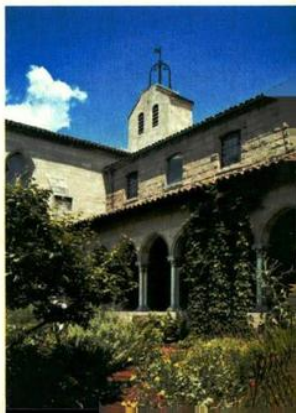


RIQUEZA DE DETALHES

Esta cruz de 60 centímetros de altura data do século 12 e foi recuperada de uma abadia na Inglaterra, provavelmente localizada na cidade de Bury St. Edmunds. A peça era usada em lições religiosas. Passagens do Antigo e do Novo Testamentos são narradas em 92 figuras e 98 inscrições talhadas no mármore. O nome do escultor desta obra-prima da arte romântica inglesa nunca foi descoberto.

HORTA AUSTERA

Outro claustro transportado para Nova York é o da abadia de Bonnefont, construída no Sul da França, no fim do século 13. O estilo é simples, com colunas de mármore branco. No jardim original, os monges beneditinos cistercienses (da Ordem de Cister) plantavam ervas medicinais, temperos e verduras. A tradição é recriada hoje no museu, onde são cultivadas cerca de 250 espécies de plantas.





Alô, alô, responde

Quando jovem, o escocês Alexander Graham Bell (1847-1922) era um estudante mediano, mas um cientista mirim de respeito. Ao pesquisar a emissão e a transmissão de sons, ele e seu irmão Melville (1845-1870) criaram um "esqueleto falante" que fez sucesso na vizinhança. O interesse era motivado por Eliza, a mãe dos dois, que sofria de surdez progressiva. Melville morreria seis anos

antes de Alexander lançar seu "telégrafo acústico". O aparelho foi patenteado em 1876. Em 1892, quando Bell foi fotografado inaugurando a conexão telefônica entre Nova York e Chicago, 150 mil americanos já possuíam um aparelho em casa. Era o começo de uma revolução. Com a ajuda do aparelho de Graham Bell, as distâncias se tornavam relativas e o mundo começava a ficar pequeno.

**Basta um
novo olhar
para a gente
redescobrir
o nosso país.**

22 de abril.
Dia do Descobrimento
do Brasil.
Esse dia faz a diferença.

Desbravando o País,
o Banco do Brasil conseguiu
mapear cada região, cada cultura,
cada realidade. Hoje, mais de 5 mil
municípios e milhões de brasileiros
podem contar com a vantagem e
a segurança de ter um banco que
é todo seu. Pensar grande faz a
diferença.

Todo
seu



BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Paulo Quintini

Henrique, filho do funcionário BB
Tiago Braga - MG

BANCO DA SUSTENTABILIDADE

Central de Atendimento BB - 4004 0001 ou 0800 729 0001 SAC - 0800 729 0722 Ouvidoria BB - 0800 729 5678
Para deficientes auditivos - 0800 729 0033 ou conecte.bb.com.br

Fisk. Seu caminho começa aqui.

Inglês a partir dos 4 anos de idade*.

Quanto mais cedo seu filho aprende um novo idioma, mais rápido começa a fazer seu próprio caminho. Na Fisk, crianças e adolescentes encontram um método de ensino exclusivo, que desperta o interesse pela língua desde cedo. Além disso, eles contam com um ambiente alegre e dinâmico, com atividades interativas, tecnologia moderna e os melhores professores. Matricule seu filho na Fisk. Assim ele vai longe.

FISK

English - Español
VOCÊ FAZ O SEU CAMINHO

WWW.FISK.COM.BR • 0800-773-FISK